



Entrevista: Bernardinho

paraná cooperativo

Ano I
Número 4
Outubro/2004

www.ocepar.org.br



Educação

**Cooperativa forma
aluno produtivo
e comprometido**

Soja

**Mercado mundial
está de olho na
produção do Brasil**

**Plantando o futuro:
cooperativa cuida da
terra e do produtor**



A Integrada investe em tecnologia para garantir os melhores índices de produtividade. Produzindo mais de 39 mil toneladas de sementes de soja, trigo, aveia e feijão por ano, a Integrada se destaca como uma das grandes difusoras de novas variedades e cultivares, desenvolvidas pelos principais institutos de pesquisa do país. Com unidades em Londrina, Mauá da Serra e Santa Cecília do Pavão, buscamos sempre as melhores sementes adaptadas para cada região. Isso porque sabemos que uma alta produtividade começa com uma boa semente.

Sementes Integrada. Uma boa safra começa aqui.

**TECNOLOGIA,
PRODUTIVIDADE E
ALTA GERMINAÇÃO**



**COOPERATIVA
INTEGRADA**

A necessária interação cooperativa/cooperado

João Paulo Koslovski

Presidente do
Sistema OCEPAR



Uma cooperativa vai bem à medida que há uma forte interação com o cooperado. Diferente de uma empresa mercantil, a cooperativa é norteadada por valores e princípios que valorizam a pessoa e não o capital. E é por isso que em uma cooperativa, qualquer que seja seu capital, o cooperado sempre terá direito a um voto, evidenciando ainda mais o cooperativismo como instrumento de organização da sociedade, com cunho efetivo de democracia e solidariedade.

Além de considerar o cooperado como o principal elemento de uma cooperativa, aprendi com José de Campos, um dos mais competentes juristas do sistema cooperativo – que também foi um importante colaborador Sistema OCB – que uma cooperativa para ir bem tem que se preocupar com duas questões importantes: a capitalização sistemática, para que não fique na dependência de recursos de terceiros; e o segundo fator, não menos importante, é a formação de fundos, recursos que podem ser utilizados para funções específicas em benefício do desenvolvimento da infraestrutura ou dos serviços da cooperativa, para melhor

atendimento dos cooperados.

No caso da capitalização, são muitas as formas como ela pode se dar, que vão desde a definição de percentual incidente sobre os serviços ou produção dos cooperados, até a retenção de valores específicos para a realização de um determinado empreendimento ou melhoria, beneficiando todo o quadro social. Já em relação aos fundos, a Lei 5.764/71, que é a Lei do Cooperativismo, permite a adoção de várias formas de instituição de fundos, visando garantir a adequada oferta de serviços aos cooperados, para amparar de maneira satisfatória as demandas que surgem com o crescimento da cooperativa.

Nesse contexto, é importante salientar que as cooperativas que entraram em dificuldade – muitas até desapareceram – tiveram como fatores determinantes questões como: 1) a falta de interação entre cooperado e cooperativa, situação que gerou um paternalismo nefasto, levando a um descomprometimento total do cooperado com a sua sociedade; 2) a falta de um planejamento que permita visualizar as ações da cooperativa, sempre em cima daquilo que fazem os cooperados, no curto, médio e longo prazo; 3) a desconsideração de que a

cooperativa está inserida num processo sócio-econômico global, tanto nacional como mundial e seus reflexos têm que ser considerados no processo de gestão da sociedade; 4) a falta de profissionalização; 5) a falta de um programa de capitalização e formação de fundos que permita constante aporte de recursos para fortalecer a sociedade.

Estes são apenas alguns dos fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso de uma sociedade cooperativa. Contudo, a interação cooperativa/cooperado e o fortalecimento da estrutura de capital e dos fundos são fatores determinantes nesse processo. O cooperado tem que estar esclarecido e convencido que a sociedade cooperativa é uma empresa sua, e ela só terá condições de prestar bons serviços se estiver devidamente capitalizada para que possa, efetivamente, prestar o adequado serviço demandado pelo quadro de cooperados. Interação cooperado/cooperativa, capitalização e fortalecimento dos fundos são, portanto, condições imprescindíveis para o fortalecimento da gestão e o sucesso da cooperativa.

Cooperado, participe e contribua. A sociedade é sua!

21

**Norte-americanos
acompanham com
expectativa produção
de soja no Brasil**



24

**Geração de
emprego e
incentivo à
produção de
açúcar e álcool**



34

**Fundação ABC
completa 20 anos
de pesquisa
cooperativa**

26 2º turno das eleições
movimenta Curitiba e mais
três municípios paranaenses

40 Sistema forma
profissionais para atender
demanda ambiental

SISTEMA **OCEPAR**

**Diretoria da Ocepar
2003/2007**

Presidente:
João Paulo Koslovski

Diretores:
Alfredo Lang
Frans Borg
Luiz Roberto Baggio
Luiz Lourenço
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Sérgio Luiz Panceri
Luiz Carlos Misurelli Palmquist
Leocir Sartor
Almir Montecelli
Áureo Zamprônio
Valter Pitol
Dilvo Grolli
Edvino Schadeck

Conselho Fiscal:
Titulares:
Jaime Basso
Miguel Rubens Tranin
Nelson Canan

Suplentes:
Gaspar de Geus
Luiz Francisco Gianini
Antônio Sérgio de Oliveira

Superintendente:
José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:
Nelson Costa

**Diretoria do SESCOOP-PR
2003/2006**

Presidente:
João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo:
Alfredo Lang
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo
Luiz Lourenço

Suplentes:
Frans Borg
Juacir João Wischneski
Célia Hoffmann
Sérgio Luiz Panceri

Conselho Fiscal:
Titulares:
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Eurico Woitowicz
Gabriel Nadal

Suplentes:
Jacir Scalvi
Carmen Tereza Sagheti Reis
Francisco Augusto Sella

Superintendente:
José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo - Coordenação: Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop-PR. **Jornalistas:** Samuel Zanella Milléo Filho, Eloy Setti e Giovani Ferreira. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanella Milléo Filho, Eloy Setti e Giovani Ferreira. **Apoio:** Cleide de Paula. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Rua Mateus Leme, 575, CEP 80530-010, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 352-2276 / (41) 352-2080. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br. **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

21

**Norte-americanos
acompanham com
expectativa produção
de soja no Brasil**



24

**Geração de
emprego e
incentivo à
produção de
açúcar e álcool**



34

**Fundação ABC
completa 20 anos
de pesquisa
cooperativa**

26 2º turno das eleições
movimenta Curitiba e mais
três municípios paranaenses

40 Sistema forma
profissionais para atender
demanda ambiental

SISTEMA **OCEPAR**

**Diretoria da Ocepar
2003/2007**

Presidente:
João Paulo Koslovski

Diretores:
Alfredo Lang
Frans Borg
Luiz Roberto Baggio
Luiz Lourenço
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Sérgio Luiz Panceri
Luiz Carlos Misurelli Palmquist
Leocir Sartor
Almir Montecelli
Áureo Zamprônio
Valter Pitol
Dilvo Grolli
Edvino Schadeck

Conselho Fiscal:
Titulares:
Jaime Basso
Miguel Rubens Tranin
Nelson Canan

Suplentes:
Gaspar de Geus
Luiz Francisco Gianini
Antônio Sérgio de Oliveira

Superintendente:
José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:
Nelson Costa

**Diretoria do SESCOOP-PR
2003/2006**

Presidente:
João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo:
Alfredo Lang
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo
Luiz Lourenço

Suplentes:
Frans Borg
Juacir João Wischneski
Célia Hoffmann
Sérgio Luiz Panceri

Conselho Fiscal:
Titulares:
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Eurico Woitowicz
Gabriel Nadal

Suplentes:
Jacir Scalvi
Carmen Tereza Sagheti Reis
Francisco Augusto Sella

Superintendente:
José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo - Coordenação: Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop-PR. **Jornalistas:** Samuel Zanella Milléo Filho, Eloy Setti e Giovani Ferreira. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanella Milléo Filho, Eloy Setti e Giovani Ferreira. **Apoio:** Cleide de Paula. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Rua Mateus Leme, 575, CEP 80530-010, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 352-2276 / (41) 352-2080. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br. **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

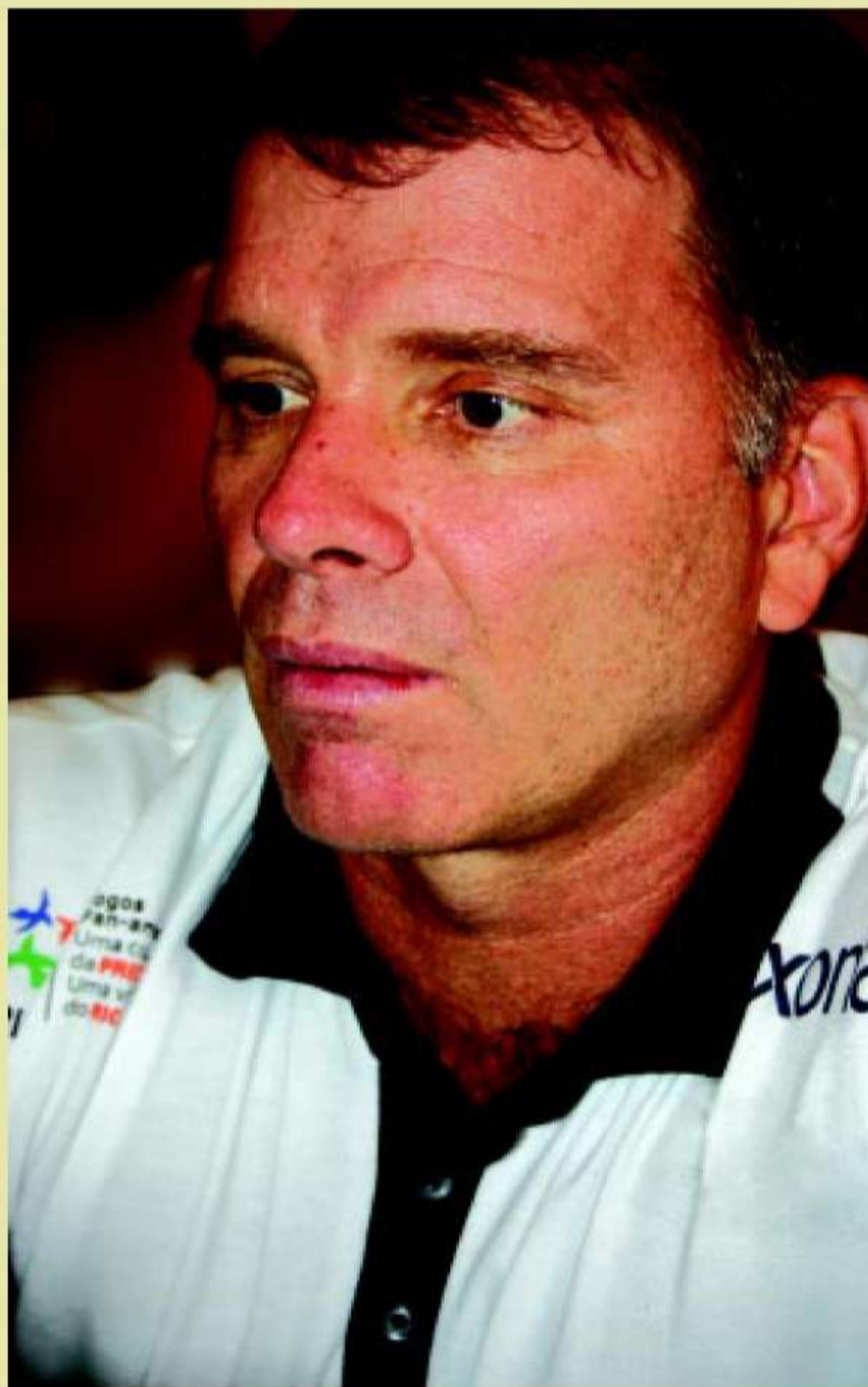
Bernardo da Rocha de Resende, o Bernardinho

Técnico da Seleção Brasileira Masculina de Voleibol, medalha de ouro em Atenas

Cooperação: uma sacada de ouro em Atenas

Medalha de ouro nas Olimpíadas de Atenas, o técnico da Seleção Brasileira Masculina de Voleibol, Bernardo Rocha de Resende, o Bernardinho, é o entrevistado deste mês. Ao falar sobre profissionalismo, trabalho em grupo e determinação, Bernardinho sugere um paralelo com a atividade cooperativa. O mesmo planejamento e espírito de equipe que fizeram do vôlei do Brasil um time vencedor, também são características marcantes e decisivas no desenvolvimento e fortalecimento do cooperativismo. Sobre isso, ele diz que “se o Brasil fosse uma grande cooperativa, certamente estaria num ponto melhor do que está hoje, se tivesse esse pensamento e esse sentimento de cooperativismo, de cooperação e de compartilhamento. Eu vejo que essa idéia deveria estar não apenas nas atividades econômicas, mas também na questão do País como um todo. Nós não nos vemos como uma grande cooperativa. As pessoas se vêem muitas vezes, querendo o bem e visando o resultado individual. E isso é o que de mais grave pode existir numa nação”.

O técnico ainda aborda questões como o investimento nas pessoas, o cunho social do esporte e a participação da Unimed e da Uniodonto – assistência médica e odontológica oficial – de atletas e da delegação que participou das Pa-



raolimpíadas. Bernardinho também é o coordenador geral do Centro Rexona-Ades de Voleibol e tem sob sua responsabilidade o trabalho social mantido pelos dois grupos e que já atendeu mais de 15 mil crianças e jovens nos estados do Paraná e de São Paulo. Este projeto teve início em 1997, no Paraná, onde foram criados núcleos com o objetivo de difundir o vôlei e, ao mesmo tempo, usar o esporte para dar noções de cidadania às crianças e jovens carentes.

Paraná Cooperativo - Qual é o segredo do sucesso do vôlei no País do futebol?

Bernardinho - Acho que não tem muito segredo na história, é trabalho duro. Estruturação, profissionalismo e investimento nas categorias de base. Esse profissionalismo da entidade, da Confederação a partir dos anos 80, atraiu patrocinadores. Portanto, o vôlei vive uma situação certamente melhor do que muitos outros esportes que têm patrocinadores que os apóiam. Então foi uma sequência de fatos, uma sequência de competências que geraram esse tipo de resultado. O vôlei está hoje colhendo os frutos de um investimento e de um processo de profissionalização muito intenso, que começou nos anos 80.

Paraná Cooperativo - Nesse planejamento estratégico do voleibol que você cita, o que poderia ficar de exemplo para corporações, enfim, para as empresas?

Bernardinho - Muita coisa. A primeira é você investir num planejamento de trabalho. Foi um plano plurianual, de no mínimo oito anos em categorias de base, ou seja, na matéria-prima essencial, que era os jovens. Então foi feito um trabalho junto ao corpo técnico, de manutenção e capacitação e de investimentos nas categorias de base. Isso permitiu que os resultados aparecessem. Foi um planejamento a longo prazo, e não em curtíssimo prazo. Não temos uma visão de curto prazo porque certamente não nos levará a grandes resultados. Assim, a continuidade desses investimentos e desse planejamento gerou, na minha opinião, a consistência atual do voleibol brasileiro. Isto é planejamento estratégico que deu certo.

Paraná Cooperativo - O que você classificaria como atributo princi-

pal numa equipe: a união ou a técnica?

Bernardinho - Acho que por mais técnica que você tenha, se você não tiver um espírito de coletividade, um espírito de time, efetivamente você não vai conseguir usufruir dessa técnica. Fazer com que ela faça com que você vença. Se me perguntasse se eu prefiro ter uma técnica melhor e um grupo pior ou um grupo melhor e uma técnica pior, vou sempre privilegiar, em primeiro lugar o grupo, ainda mais num esporte tão coletivo quanto o vôlei. Acredito que o principal aspecto que, na minha opinião, é a base de vitória de qualquer equipe, é exatamente trabalhar em equipe, a força da coletividade. Eu acho que esse é o principal componente que faz um time se tornar vencedor. Acho que isso é o valor mais importante que as pessoas

“

Foi um planejamento a longo prazo e não em curtíssimo prazo

”

têm que aprender, e o voleibol, por ser um esporte eminentemente coletivo, desenvolve isso. A necessidade de você ser um time de fato e de verdade é fundamental. Se não tivermos isso a gente não vai a lugar nenhum.

Paraná Cooperativo - Como você definiria a equipe de voleibol comandada por você em Atenas?

Bernardinho - A principal virtude desse time foi ser um grupo. Eu não sei se por força de talento que o nosso time era o melhor time, mas certamente era o melhor grupo. Lá eles diziam isso e eu fico muito contente da gente ter

conseguido formar esse grupo, esse verdadeiro time, essa verdadeira equipe, que pensava coletivamente e se preocupava um com o outro. Eu espero que a sequência do trabalho continue acontecendo dessa maneira, pois esta é a única forma de continuarmos alcançando nossos objetivos.

Paraná Cooperativo - Qual foi o grau de responsabilidade que mais pesou na conquista do ouro em Atenas: o comando ou a equipe?



Bernardinho - Eu acho que as duas coisas pesaram muito. Não é o comando do Bernardinho, é o comando do capitão Nauber, do líder Giovani, o comando do Ricardinho, do Giba, enfim, das várias pessoas que empunharam a bandeira da liderança. Eu acho que essas pessoas se alternaram no papel de líder em vários momentos, inspirando e mostrando o caminho para os outros. O grau de comprometimento era total, num senso de responsabilidade e propriedade muito grande em relação ao projeto da Seleção. Isso é a coisa mais importante.

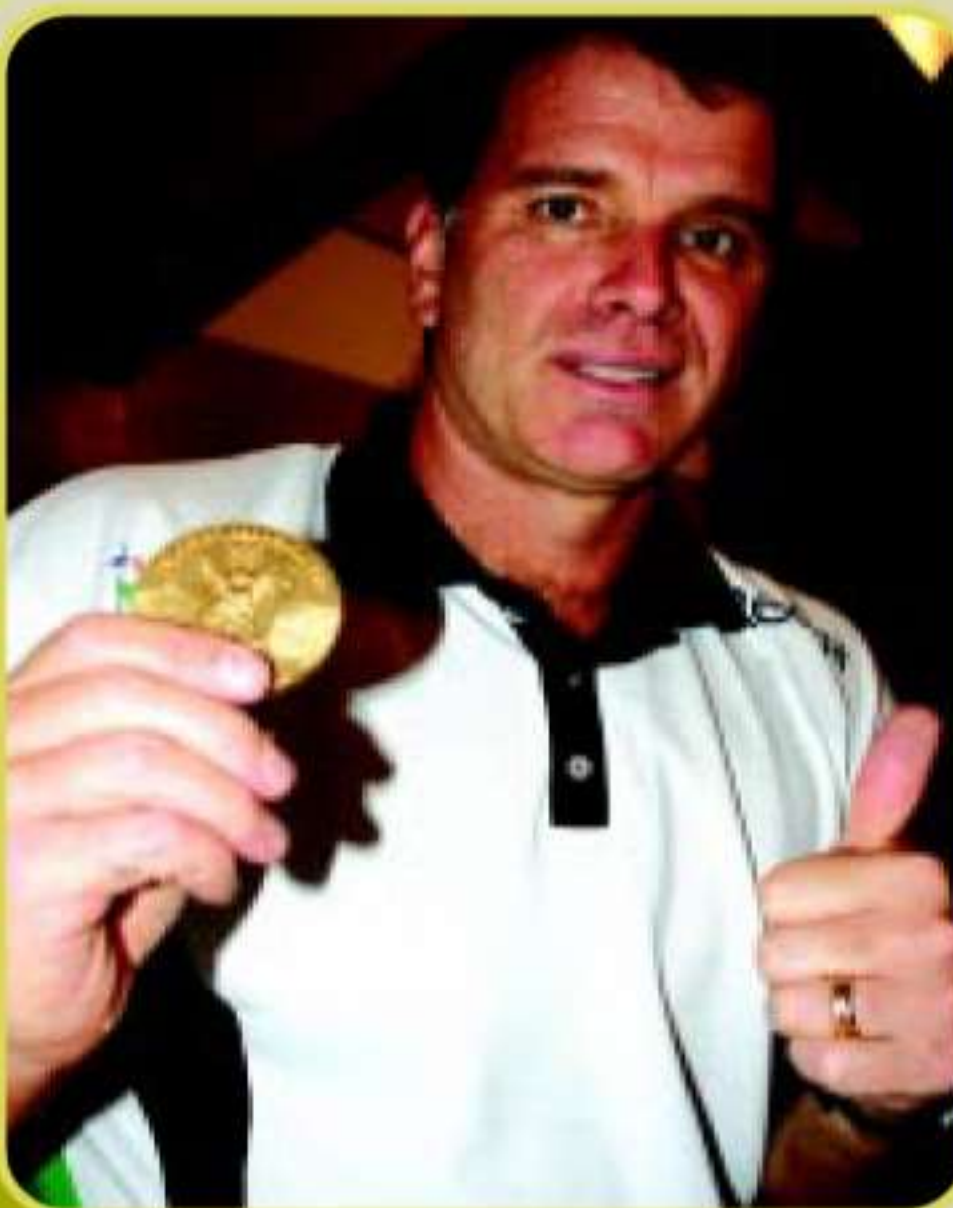
Paraná Cooperativo - Você tem falado muito na questão de ser o ►

embaixador do vôlei do País. Você poderia falar um pouco a respeito dessa questão social, inclusive dessa ONG que você constituiu?

Bernardinho - Eu não quero ser embaixador, as pessoas me usam um pouco como embaixa-

“
Esse envolvimento dá o
cunho de seriedade, de
interesse verdadeiro da
Unimed e Uniodonto
”

dor em função do momento em que vivo. Eu sei que tudo é momento, eu não sou eterno, não sou perene. É um momento em que eu posso usufruir dessa notoriedade momentânea para conseguir angariar recursos, angariar pessoas e concentrar forças. É importante que eu use isso positivamente, no sentido de fazer o bem, de promover o bem, de poder dar oportunidade a muitos jovens e crianças. É o que eu tenho tentando fazer: usar essa capacidade para poder capitalizar em cima, no sentido de poder ajudar as crianças. Muitas pessoas estão envolvidas com esse tipo de comprometimento social. Os jogadores estão tomando consciência do papel deles nesse momento. Depois de um título olímpico, tudo o que se diz, tudo o que se faz, tem uma repercussão maior, sem dúvida. Então é importante que eles estejam tomando essa consciência. Para mim, é motivo de muito orgulho, porque de alguma maneira eu estou conseguindo influen-



ciá-los nesse tipo de ação.

Paraná Cooperativo - O esporte, no caso específico o voleibol, é um fator decisivo para a questão da inclusão social?

Bernardinho - Sem dúvida. É um esporte que pode ensinar muito, porque é um esporte coletivo. É um esporte que inspira muitos valores importantes. Eu acho que o voleibol, como todo esporte em geral, tem uma importância muito grande nessa questão. É um instrumento de transformação social muito determinante. Então eu acho que a gente tem que usá-lo efetivamente nesse nível de importância. Não pode deixar só como um esporte. As pessoas estão começando a ver que o esporte tem essa importância, e que deve ser utilizado da forma correta. Não é só para formar atleta, é para formar melhor o cidadão.

Paraná Cooperativo - Em relação à participação da iniciativa privada e dos governos nessa ação. Existe comprometimento por parte desses setores?

Bernardinho - Praticamente muito maior da iniciativa privada. Os governantes ainda alternam momentos de interesse com momentos de total ausência. A Unilever através do Rexona e da Ades tem sido uma parceira, um jogador fundamental nessa partida. Se não nós não teríamos condições de jogar. Então é um agradecimento, antes de qualquer coisa, a esta visão destes empresários, o comprometimento dessas empresas junto a um projeto social que só tem crescido e realizado tanta coisa, por tantos jovens. Dando oportunidade a muitas pessoas que não teriam de outra forma. O papel da iniciativa privada nisso aí é fundamental, seja como mantenedores, como incentivadores e como aqueles capazes de dotar os projetos de recursos para que eles tenham sobrevivência ao longo do tempo. Sinto apenas que o poder público poderia dar também uma parcela maior neste sentido, o que não está acontecendo.

Paraná Cooperativo - Hoje (25 de setembro), acontece em Atenas as Paraolimpíadas, que tem entre as patrocinadoras a Unimed e a Uniodonto, que são cooperativas. Qual a sua avaliação desse apoio destas empresas no incentivo a esta modalidades esportiva?

Bernardinho - A Unimed teve vários atletas que ela patrocinou nas Olimpíadas, apoiando de maneira decisiva a participação desses atletas: vôlei de praia, atletismo, saltos ornamentais e outros em que a participação da Unimed foi fundamental e agora nas Paraolimpíadas, que é uma competição belíssima. Ter esse envolvimento dá o cunho de seriedade de interesse verdadeiro, tanto da Unimed como de outras empresas desse porte na constituição de um País melhor. Dar apoio a pessoas que necessitam de

apoio. Então é realmente fantástica essa participação. A empresa está de parabéns. Eu tive contato com algumas pessoas da Unimed e vejo o comprometimento deles com projetos sérios e que tem um cunho esportivo, mas também social.

Paraná Cooperativo - *O que você conhece em relação a trabalhos desenvolvidos pelo cooperativismo?*

Bernardinho - Eu não conheço muito. Mas eu entendo esta filosofia de vida e vejo a idéia como algo que eu tento permear, ou seja, é um espírito de time antes de qualquer coisa. São pessoas trabalhando de uma forma coletiva e pensando num benefício coletivo através de iniciativas individuais. Então, isso é realmente fundamental. Talvez se o Brasil fosse uma grande cooperativa certamente estaria num ponto melhor do que está hoje. Se tivesse esse pensamento e esse sentimento de cooperativismo, de cooperação e de compartilhamento. Eu vejo que essa idéia deveria estar não apenas nas atividades econômicas, mas também na questão do País como um todo. Nós não nos vemos como uma grande cooperativa. As pessoas se vêem muitas vezes, querendo o bem e visando o resultado individual. E isso é o que de mais grave pode existir numa nação.

Paraná Cooperativo - *Há sete anos, quando você estava começando o seu trabalho, você disse que tinha um sonho, que era dirigir a equipe brasileira de vôlei masculino e ser campeão. Você já conquistou tudo o que você sonhava? O que falta ainda em termos de título e também na sua vida?*

Bernardinho - Eu acho que a gente

quer sempre conquistar alguma coisa a mais, conquistar as pessoas, a confiança delas e poder contribuir para o crescimento delas. O grande legado que essa equipe campeã em Atenas tenta deixar, não é o legado só do resultado esportivo, mas é o legado do profissionalismo, do tra-

“

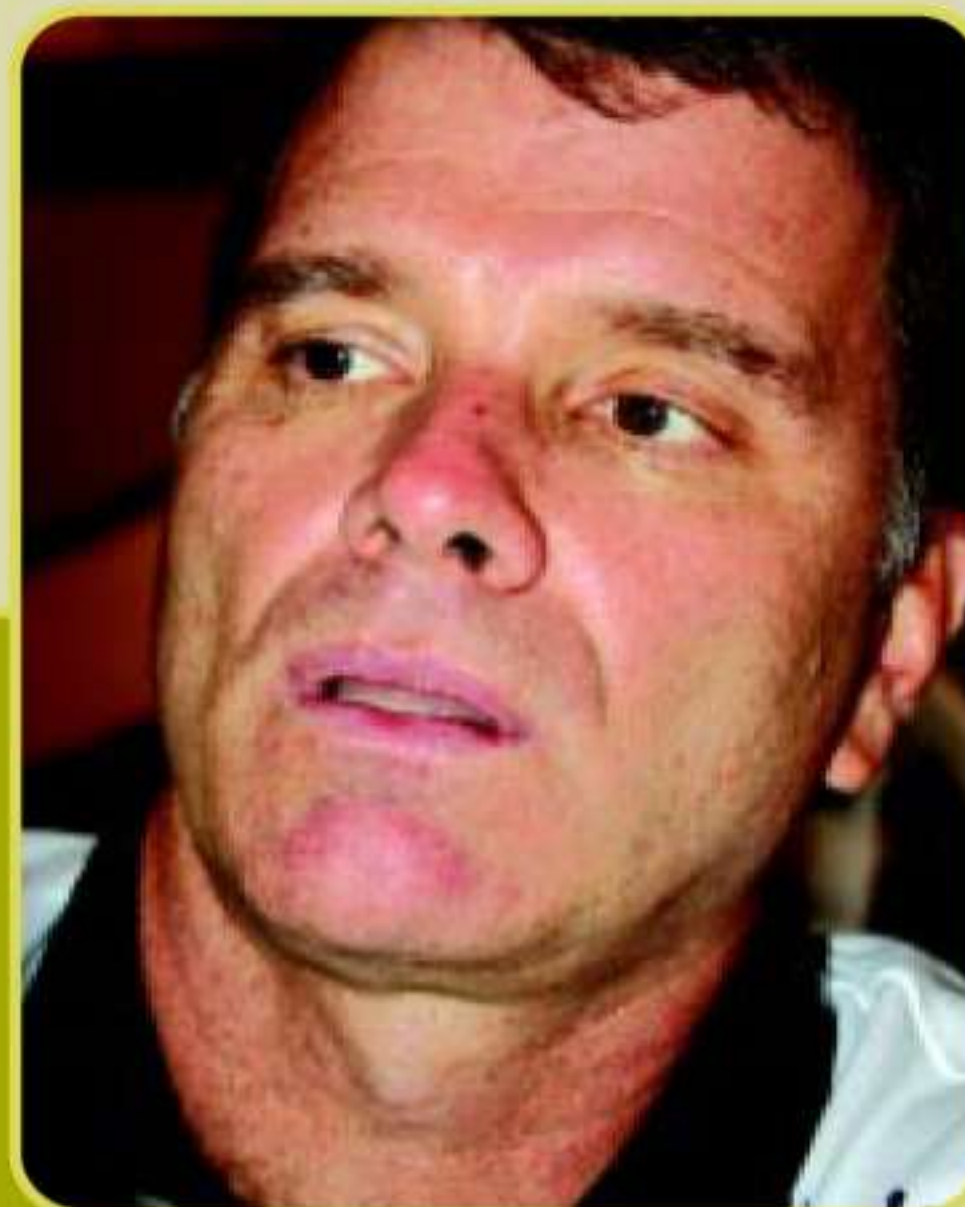
Se o Brasil fosse uma grande cooperativa, certamente estaria melhor do que está hoje

”

balho, da dedicação, de que você consegue se você estiver realmente trabalhando como uma equipe. Então o que eu quero é continuar conquistando essas coisas, essas situações, esses sentimentos.

Paraná Cooperativo - *Você plantou esta semente e hoje colhe seus frutos. Qual é sua mensagem para esses novos atletas desse projeto?*

Bernardinho - O que eu digo é o seguinte, primeira coisa: sonhe. O sonho é o alimento da alma das pessoas. Que eles sonhem e depois acordem para poder correr atrás. É ter determinação, dedicação, pois nada vem fácil. O único segredo que existe é que só o trabalho duro constrói e te leva a conquistar aquilo que você quer. Isso quer dizer que você deve passar seriedade, trabalho, compartilhar de uma forma altruísta e cooperativa. São esses valores que tanto eu, como os professores e coordenadores, tentamos passar aos alunos e crianças que participam do projeto. ■



Os títulos de Bernardinho

Desde que assumiu a Seleção Brasileira de Vôlei Masculino, Bernardinho comandou a campanha vitoriosa do Brasil em um título mundial (2002), dois títulos sul-americanos (2001 e 2003), três Ligas Mundiais (2001, 2003 e 2004), uma Copa do Mundo (2003), uma Copa América e um Pré-Mundial (ambos em 2001). Os únicos torneios em que os brasileiros não saíram campeões foram os vice-campeonatos do World Grand Champions de 2001, da Liga Mundial de 2002 e o bronze nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003. Bernardinho tem no currículo, entre outras conquistas, uma medalha de prata olímpica como jogador, duas de bronze no comando da Seleção Feminina, um título mundial masculino, além do ouro de Atenas.

Do produtor ao consumidor com



**Vegetais
congelados**

Lar

NATURAIS • SABOROSOS • NUTRITIVOS



Qualidade Internacional Certificada



0800 45 8800

www.lar.ind.br

alimentos@lar.ind.br

O exemplo da escola cooperativa

Pedagogia sócio-construtiva prepara um aluno comprometido, coletivo e produtivo



Constituída em 1996 por pais de alunos que buscavam um ensino de melhor qualidade, a Cooperativa Educacional de Foz do Iguaçu (Cefi) pode ser considerada um modelo de instituição de ensino. Não apenas por ter conseguido criar um agradável ambiente de relacionamento entre os alunos,

pais, professores e funcionários, mas porque oferece diferenciais de custo e qualidade, raramente encontrados no setor. O resultado é o excelente índice de aprovação dos alunos que saem da Cefi para o vestibular: 95%.

A Cefi sobreviveu aos diversos modelos de escolas cooperativas

que surgiram no Brasil, acumulou experiência pedagógica e se consolidou como instituição de ensino capaz de empolgar os pais que deixam seus filhos sob sua responsabilidade. E muitos alunos que estudam apenas no período da manhã passam o resto do dia na escola, pois a consideram uma ex- ►

**Currículo diferenciado
oferece disciplinas
relacionadas a cultura,
esporte e lazer**



tensão de suas casas, com ampla área de lazer, biblioteca e colegas para conversar.

A pedagogia sócio-construtiva permeia o seu programa de ensino, “visando um aluno comprometido, coletivo e produtivo”, no qual a cooperação ocupa o espaço da competição. E a aceitação das diferenças individuais, inclusive de crianças com desvantagens educacionais, é um dos seus pontos fortes. Essa diferença é percebida nos objetivos da cooperativa, que têm como destaque: “propiciar ao aluno, através de técnicas modernas, a oportunidade de ser um indivíduo íntegro, apto e eminentemente grupal”. Como escola que nasceu num modelo cooperativo, não poderia faltar, em seu currículo, o ensino e a vivência do cooperativismo, inclusive com a realização de uma importante parceria com a Sicredi Cataratas do Iguaçu, que propicia o apoio na realização de eventos e na consolidação de sua credibilidade na comunidade.

É na afirmação da coordenadora educacional, Marieta Caponi Zabot que se percebe a ideologia da escola: “não temos ambição de aumentar o patrimônio para o cooperado. Nosso objetivo é oferecer ensino de qualidade”. A cooperativa também aproveita as disciplinas do currículo

escolar para aproximar os alunos da realidade atual, realizando projetos especiais a cada bimestre, como o “Túnel do Tempo”, “Com os Olhos no Céu”, “Olimpíadas” e “Política”.

O projeto “Com os Olhos no Céu” preparou 250 alunos para a VII Olimpíada Brasileira de Astronomia, que envolve 60 mil estudantes brasileiros. Os estudantes saíram da sala de aula para conhecer, com o assessoramento de um astrônomo, a história da astronomia, o sol (energia da vida), os planetas e as constelações. E como o momento era de eleições, um outro projeto foi direcionado para a formação política, no qual os alunos saíram às ruas para conhecer a dinâmica das campanhas e os poderes políticos, realizando entrevistas e enquetes.

Currículo diferenciado

Além de oferecer educação em período integral, semi-integral e atividades independentes, a Cefi coloca um menor número de alunos por turma. Na educação infantil, 15 alunos; no ensino fundamental, 25 alunos; e no ensino médio, 30 alunos, o que facilita a interação com os professores e a melhora do aprendizado. No colégio cooperativo os alunos têm o currículo enriquecido por aulas de xadrez, artes, artesanato,

informática, inglês, música, espanhol, judô, balé, futsal e web designer.

O aluno Jonas Perin Ribeiro, 17 anos, afirma que a diferença entre a escola cooperativa e o colégio onde estudou antes de entrar na Cefi não é só a qualidade do ensino, mas o bom relacionamento entre alunos, professores e diretores. Ele está na Cefi há seis anos e aproveitou para aperfeiçoar sua tendência musical, aprendendo violão, o que facilitou a montagem de uma banda com amigos. Edival Paeze, cooperado e professor da escola, afirma que a adaptação de alunos que vêm de outras escolas ocorre facilmente em função do novo ambiente, o que ocorreu com sua própria filha.

O ambiente da escola também é ótimo para o professor, pois a cooperativa reconhece sua importância para a qualidade do ensino e investe na atualização profissional do quadro docente. A auto-estima, a valorização profissional e o relacionamento são citados pelos professores como algumas das qualidades da cooperativa. Para ratificar o bom clima que impera na escola, a coordenadora pedagógica Marieta Zabot cita a afirmação de uma professora que disse: “se um dia vocês não puderem pagar meu salário, quero trabalhar sem receber, só pela satisfação de estar aqui”.



**Grupo de professores da
Cooperativa Educacional de
Foz do Iguaçu**

“Educar não é cortar as asas, é orientar o vôo”

A Cefi, considerada cooperativa modelo na área educacional, também representa a concretização de um sonho idealizado por pais e educadores. A professora Mércia Polis, presidente da cooperativa e que liderou a concretização do modelo cooperativo da escola, sente-se realizada como profissional e afirma: “quando esse sonho foi elaborado, a ação surgiu de imediato. Os que foram aparecendo foram se incorporando e acreditando sempre. Eu classifico o otimismo como uma alavanca para a esperança. Usamos o otimismo e tivemos a esperança. O tal sonho, com otimismo e esperança, fomos realizando”. Mas o mais importante, segundo a educadora, “é que o nosso ideal era fazer a diferença na educação, no trabalho escola-cidadão, e temos sentido pelos alunos que passaram e estão conosco, que isto está acontecendo”.

A filosofia do cooperativismo está propiciando uma formação diferenciada dos alunos, que aprenderam a desenvolver o espírito crítico, o que facilita a solução de problemas do cotidiano e o posicionamento na so-

cidade como elementos bastante participativos. A educação está voltada para a participação e cooperação, e não para a pura competição dos alunos, preparando-os para entrar na universidade com um diferencial de qualidade. “Educar não

é cortar as asas. É orientar o vôo”, frase conhecida no meio educacional, é citada por Mércia, que conclui: “acredito que dentro da metodologia que trabalhamos e da filosofia do cooperativismo, temos conseguido isso”.

Estrutura da Cefi

As instalações da Cefi ocupam uma área de 3.318 m², na Avenida Costa e Silva, 1850, próxima à rodoviária, em Foz do Iguaçu. O terreno tem 9.500 m², cuja área de lazer será ampliada, com a conclusão da reforma da piscina e construção de novas canchas esportivas. A mudança para as atuais instalações propiciaram um grande crescimento no número de alunos (de 377 em 2002 para 498 em 2004) e de cooperados (de 623 para 740). Esse crescimento deverá ser ainda maior nos próximos anos. O objetivo é tornar a cooperativa, nos fins de semana, um centro de lazer dos cooperados e seus filhos. “Um local de encon-

tro das famílias, onde possam sentir melhor o significado da cooperativa”, afirma Mércia Polis. A Cefi também está realizando convênio com uma escola de educação à distância para propiciar cursos de graduação e pós-graduação à noite, otimizando a utilização da estrutura e, ao mesmo tempo, propiciando mais uma oportunidade de formação a quem não pode estudar de dia em função do trabalho. Entre os principais apoiadores da escola-cooperativa estão: Sistema Ocepar/Sescoop PR, Itaipu Binacional, Sicredi Cataratas e Assemib (Associação dos Empregados da Itaipu Binacional).

As Cooperativas nas Paraolimpíadas

Unimed e Uniodonto participam como patrocinadores da comitiva brasileira que atuou em Atenas

Os sistemas cooperativos Unimed e Uniodonto participaram do patrocínio à comitiva brasileira que participou das Paraolimpíadas de Atenas, encerradas na última semana de setembro, com a conquista inédita de 33 medalhas. Tanto a Unimed como a Uniodonto deram sua contribuição através das cooperativas filiadas espalhadas pelo Brasil, garantindo assistência integral à saúde dos atletas, dirigentes e comissão técnica que foi a Atenas. Unimed Brasil e Uniodonto Brasil já estudam, inclusive, a possibilidade de renovar, após dezembro, o patrocínio à Confederação Paraolímpica Brasileira (CPB), em função do papel social que estão exercendo. O patrocínio da Unimed à CPB foi uma iniciativa que partiu da Federação Unimed do Paraná.

Mudar a vida das pessoas por meio de ações que resultem no bem comum e acreditar que a superação dos limites também está ligada à confiança e à credibilidade que a marca Unimed desenvolveu junto ao seu público ao longo de 36 anos de existência. Estes são os objetivos que fazem do Sistema Unimed um



Ádria Santos, uma das competidoras que ganhou medalha

dos maiores patrocinadores do esporte no Brasil. O patrocínio das Paraolimpíadas faz parte do balanço social do sistema Unimed, que prestou assistência médica e apoio logístico gratuitos aos 170 atletas com deficiência inscritos na CPB. O sistema Unimed investiu cerca de R\$ 600 mil no projeto, que termina em dezembro.

O presidente da Unimed do Brasil, Celso Barros, ressalta que o patrocínio ao esporte tem rendido à Unimed uma presença marcante na mídia nacional, com grande retorno em termos de visibilidade, além de criar proximidade e uma imagem positiva junto ao

público. Para o diretor de Marketing, Almir Gentil, o incentivo ao esporte é um dos maiores benefícios que as cooperativas Unimed podem trazer às comunidades em que atuam e um dos maiores retornos também. “A história das cooperativas e as histórias das cidades são inquestionavelmente intersecções dentro de um mesmo espaço. Tudo o que é investido, criado e implantado acaba trazendo o mesmo resultado positivo para todos”, explica Gentil.

O presidente da Uniodonto Brasil, Maud Nogueira Fragoas, afirmou que o sistema resolveu apoiar os atletas e membros do Comitê Paraolímpico Brasileiro que foram a Atenas “em reconhecimento à dedicação na busca de um ideal. Eles conseguiram vencer todas as dificuldades para levar a marca do Brasil ao exterior”. Fragoas comparou os atletas ao próprio sistema cooperativo Uniodonto, que “apesar das dificuldades, é um sistema vitorioso com seus 23 mil associados e 1.200 mil usuários”. O sistema cooperativo Uniodonto garantiu, através das cooperativas das cidades de origem dos atletas, assistência odontológica a 287 pessoas envolvidas diretamente com os Jogos Paraolímpicos. ■



- 7.557 associados
- 3.032 funcionários
- R\$ 63,3 milhões de impostos gerados em 2003

Poupando

para as futuras gerações

Programa de Fertilidade do Solo da Coamo garante aumento da produtividade e da renda do produtor cooperado

Se os anos 70 serviram de cenário para o desenvolvimento de uma prática muito comum na atualidade, não só no Brasil como em boa parte do planeta, que é o plantio direto, nas décadas seguintes, 80 e 90, a preocupação de técnicos e produtores continuou sendo com a preservação da principal matéria prima da agricultura: o solo.

Exemplos de sucesso, onde o trabalho bem planejado e com o respaldo dos principais atores — que são os agricultores — acabaram por modificar uma realidade adversa, onde a maior parte das áreas, que era composta de solos ácidos e com altas deficiências produtivas e que após três décadas de intenso trabalho e persistência passaram a ser referência em produtividade, viabilizando principalmente as pequenas propriedades.

Um exemplo é a região Noroeste do Paraná, mais especificamente nos municípios de área de ação da Coamo Agroindustrial Cooperativa, com sede em Campo Mourão, também pioneira na prática do plantio direto e que, com projetos específicos colocados à disposição dos cooperados, ajudou a difundir as mais atualizadas técnicas de culti-

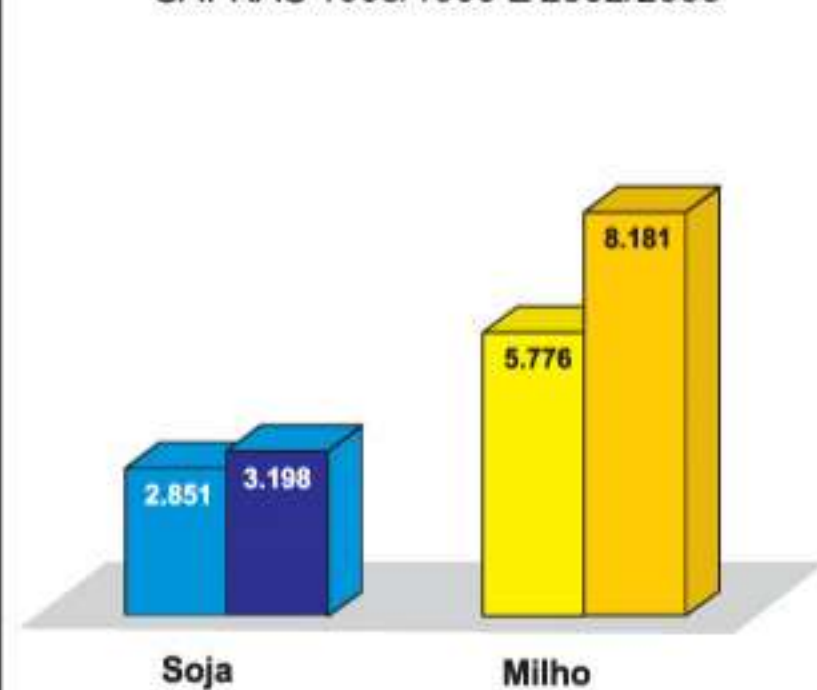


Produtores cooperados colhem mais porque cuidam melhor da terra através do programa de Fertilidade do Solo

vo do solo e de novas alternativas para geração de renda, sem perder de vista a preservação do meio ambiente. Destacam-se entre estes projetos, o do Calcário, da Fertilidade do Solo e da Integração Lavoura/Pecuária que viabilizou manter uma média de 54 sacas de soja por hectare e de 136 de milho por hectare, entre os seus 18 mil cooperados. Se comparados à média nacional, 46 para soja e 51 para o milho, os resultados de produtividade da Coamo realmente impressionam.

“Produtividade não representa apenas rentabilidade, ela é também sinônimo de competitividade e permanência do homem no campo”. Partindo deste pressuposto, após uma simples conversa com produtores da região e com técnicos da cooperativa é que o presidente da Coamo, José Aroldo Gallassini decidiu colocar em prática projetos que realmente pudessem, através de modernas técnicas, incrementar a produtividade, reduzir custos de produção e manter o equilíbrio do meio ambiente rural. Foi assim que nasceu um dos mais importantes programas da Coamo sobre Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, inclusive sendo relacionado entre os cinco principais projetos brasileiros na categoria Inovação Tecnológica do Prêmio OCB/Globo Rural 2004.

EVOLUÇÃO DE PRODUTIVIDADES DE SOJA E MILHO EM QUILOS POR HECTARE ENTRE AS SAFRAS 1998/1999 E 2002/2003



Olhos voltados para a produtividade



Gallassini: “a terra não acaba, o que acaba é a sua fertilidade. Este é um patrimônio que temos que conservar”

José Aroldo Gallassini, que também é engenheiro agrônomo e teve uma passagem pela extensão rural paranaense, lembra que a cooperativa, através da assistência técnica sempre teve seus olhos voltados para o aumento da eficiência produtiva. Desde sua fundação, em 1970, a Coamo participa intensamente da atividade dos seus cooperados, seja no planejamento da lavoura, recebimento do produto, industrialização e entrega do produto nas mãos do consumidor final, dentro do País ou no exterior. E na busca constante deste aumento de produtividade é que o presidente da Coamo, no ano de 1998, passou a questionar os técnicos da cooperativa porque cooperados de uma mesma região, com a mesma composição de solo, a mesma semente e a

mesma assistência técnica, tinham produtividades tão diferentes. “Havia produtor que colhia cerca de 160 sacas de soja por alqueire e seu vizinho produzia apenas 110, 120 até 100 sacas. O lucro era diferenciado, o que produzia mais tinha um lucro de 40 sacas por alqueire, o que dava um ganho superior. Onde estava a diferença?” – questionava ele. “Estava na terra, na fertilidade do solo”, responde. Segundo ele,

“o produtor que colheu mais com certeza cuidou melhor da terra, devolveu a ela (terra) mais do que tirou. A prática da adubação de manutenção é uma forma racional de produzir, por isso decidimos criar um programa específico para adotarmos, de forma universal dentro do quadro social estas mesmas técnicas, onde o solo receberia uma

“
Sinônimo de
competitividade
e permanência do
homem no campo
”

atenção especial com viabilização de recursos para que o produtor utilizasse tecnologia suficiente para deixar a terra com uma fertilidade máxima e capacidade de produção máxima para, depois, receber uma prática de adubação de manutenção. Desta forma, chegaríamos a um patamar de igualdade entre diferentes produtores da região”, destaca o presidente da Coamo.

É o que fez o produtor Moacir Ferri, dono de uma área de 250 hectares no município de Luiziana, que tão logo tomou conhecimento do programa de fertilidade, passou adotar as novas técnicas sugeridas pelo agrônomo Roberto Bueno. “Conseguí uma padronização da produtividade em minha propriedade e, hoje, posso dizer que obtenho resultados acima daquilo que atingia no passado. Na década de 80, colhíamos cerca de 80 sacas por alqueire, hoje atingimos 176 sacas por alqueire com soja e cerca de 200 sacas por alqueire com trigo no ano passado. Os resultados vieram com a utilização de variedades adaptadas e com análises de solos periódicas, sempre com o auxílio do Trado da Coamo. O meu patrimônio é o meu solo. A minha propriedade é a garantia da continuidade da atividade agrícola pelos meus filhos e meus netos com certeza. Preserva sempre os ideais do cooperativismo, um por todos e todos por um”, afirma Ferri.

Quem também concorda é o jovem produtor, Edemir Mottin, que na safra deste ano colheu 125 sacas de soja, 400 de milho e 80 de trigo, que segundo ele, foi graças à tecnologia adotada pelo programa de Fertilidade do Solo. “Aprendemos ver a terra e o solo como aliados importantes, precisamos tratá-los com respeito, tirando da terra apenas o necessário. E isto só está sendo possível graças à existência da Coamo

“
**Conseguí uma
padronização da
produtividade em
minha propriedade**
”

em nossas vidas, parceira dos produtores em todas as horas e que muito tem nos ensinado. Aprende quem quer, afinal, agricultura não é somente pensar no preço do produto, é preciso pensar antes em aumentar a produtividade, ser competitivo. Isto é o que importa, e é o que estamos fa-

zendo com profissionalismo aqui”, ressalta o produtor.

José Aroldo Gallassini destaca que a melhor ferramenta que o homem tem disponível é a terra. “Por isso, temos a obrigação de manter esta ferramenta em bom estado de uso, não só para nós, mas também para as futuras gerações. É a melhor poupança que poderemos deixar para nossos descendentes. Ações técnicas como essas, voltadas para o aumento da produtividade e tendo como consequência maior renda para nossos cooperados e manutenção da qualidade do meio ambiente, sempre foram uma marca registrada da Coamo, causa principal do seu sucesso”, afirma o dirigente cooperativista.

R\$ 42,4 milhões investidos em seis anos de programa

Mas o desafio projetado inicialmente pela cooperativa, de atingir a meta de 200 mil hectares em cinco anos e elevar a média de produtividade, precisava contar com o apoio e a participação dos produtores cooperados. Para isso, havia também a necessidade de disponibilizar linhas de financiamentos específicos. Aliados de primeira hora a mais este desafio da Coamo, alguns bancos realizaram financiamentos especiais, fora das normas tradicionais, para viabilizar acesso a todo tipo de insumo necessário para a fertilidade do solo. “Os resultados alcançados serviram de exemplo para que o próprio governo federal também criasse, junto ao Plano Safra, programas como o Prosolo, que tem o mesmo objetivo: fertilidade e conservação do solo”, frisa o dirigente da Coamo. Gallassini lembra que a meta inicial traçada pelo programa superou todas as expectativas, afinal, no acumulado de

**Comprometimento de
produtores e técnicos
garante o sucesso
do programa**



seis anos do programa, foram financiados cerca de R\$ 42.485.148,00 para 3,4 mil cooperados, com um total de área corrigida em 304.829 hectares. “Pretendemos perseguir a meta de atingirmos 100% das áreas dos cooperados corrigidas. Sabemos que isto não acontece na velocidade que pretendemos, mas já realizamos muito com certeza, principalmente por convencer o produtor de que esta prática é economicamente viável, que se paga pelo aumento da produtividade e que o projeto mostra significativos progressos, gerando aumento na renda ao setor”, disse.

Para Gallassini, resultados de projetos como estes que mostram a diferença entre um produtor que vai bem economicamente e outro que vai mal. Ele ainda faz um alerta: “a terra não acaba, o que acaba é a sua fertilidade, este é um patrimônio que temos que conservar para nossos filhos e netos sempre com alta produtividade. Nos últimos três anos tivemos altas



DISTRIBUIÇÃO DE CALCÁRIO NOS ÚLTIMOS 05 ANOS

ACUMULADO (5 ANOS)

Ano	Toneladas distribuídas
1999	268.000
2000	251.000
2001	256.000
2002	338.000
2003	334.000

1.447.000

Toneladas distribuídas nos últimos 5 anos

111.307

Caminhões

Fila de
927 km

produtividades e ganho na agricultura, em decorrência de clima perfeito e preços em alta pela adversidade enfrentada por nossos principais concorrentes internacionais. Poderemos viver nesta próxima safra uma situação inversa, deteriorada com geadas, seca, etc, os preços caíram, dólar caiu, os insumos tiveram altas acima da inflação, os juros agrícolas aumentaram, isto é, uma situação crítica para agricultura em termos de rentabilidade. Quem é que ganha? Aquele que tem alta produtividade! Para este não tem crise, por isso continuaremos esta nossa cruzada em convencer cada vez mais nossos associados da necessidade de investir na melhoria da terra. Instrumentos para isto não faltam”, destaca.

O gerente de Assistência Técnica da Coamo, Nei Leocádio Cesconetto ressalta que os resultados alcançados com o programa aconteceram graças

ao comprometimento dos produtores interessados e também pela dedicação do quadro técnico da cooperativa, que passou por um trabalho de reciclagem e capacitação, pronto para esclarecer todas as dúvidas dos cooperados. Na visão de Cesconetto, a prova deste comprometimento “foi o desenvolvimento de um

novo equipamento para coleta de amostra de solo, o chamado Trado Coamo – De Vedis, que se mostrou mais eficiente e prático que os demais trados existentes do mercado. Fato este que chamou a

atenção de outras entidades de pesquisa e cooperativas e, hoje, vendemos este trado para diversos estados. Este equipamento foi inventado por um técnico da própria cooperativa, o que demonstrou a boa receptividade de todos os envolvidos no processo”, lembra.

“
Meu patrimônio é o meu solo, a minha propriedade, a garantia da atividade agrícola
”

Plantando evolução, colhendo qualidade

Presente em 51 municípios nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, a Coamo conta com 83 unidades de recebimento de produtos, 3.700 funcionários diretos e um quadro social composto por mais de 18.000 cooperados. O seu faturamento em 2003 foi de R\$ 3,3 bilhões e as suas sobras líquidas de R\$ 250 milhões, sendo que parte destas foi distribuída aos seus cooperados, maioria (74%) de mini e pequenos produtores.

Entre grãos, fibras e óleos a Coamo é responsável por 16% das exportações de todas as cooperativas brasileiras, sendo a vigésima sétima maior exportadora do País. O corpo técnico da Coamo é formado atualmente por 167 profissionais, entre engenheiros agrônomos, médicos veterinários e técnicos agrícolas, que prestam assessoria aos cooperados, difundindo as mais atualizadas técnicas de cultivo do solo, administração da propriedade e novas alternativas para geração de renda. Para o desenvolvimento de pesquisas e experimentação agrícola, possui uma Fazenda Experimental com área de 150 hectares, onde são desenvolvidos mais de 150 trabalhos anualmente.

Aliada importante dos cooperados é a Credicoamo, cooperativa de crédito, fundada com objetivo de dar suporte financeiro aos produtores co-



Programa de Fertilidade do Solo proporciona padronização e aumento da produtividade

operados da Coamo. Conta com 14 Postos de Atendimento e 4,3 mil associados. Em 2003, o seu patrimônio líquido foi superior a R\$ 41 milhões e as sobras líquidas totalizaram R\$ 13,96 milhões.

Outra preocupação constante da cooperativa é com a promoção social dos seus cooperados. Somente em 2003 a Coamo promoveu 1.255 eventos reunindo 56.418 participantes da família cooperativista. Sem falar na Copa Coamo de Cooperados, consi-

derada o maior exemplo do espírito esportivo e familiar que move a cooperativa que, a cada dois anos, reúne 500 equipes e mais de 25 mil participantes entre cooperados e familiares.

O complexo industrial da Coamo conta com 2 indústrias de óleo de soja com capacidade esmagamento de 4 mil toneladas/dia; 1 refinaria de óleo de soja com capacidade de 360 toneladas/dia; e 1 fiação de algodão com capacidade para 20 toneladas/dia; 1 moinho de trigo com capacidade para 30 toneladas/dia; 1 indústria de gordura vegetal com capacidade para 100 toneladas/dia; 1 indústria de margarina com capacidade para 120 toneladas/dia. Além das indústrias próprias, a Coamo possui outras indústrias arrendadas, entre elas em parceria com cooperativas, sendo três de esmagamento de soja com capacidade total para 2,6 mil toneladas/dia; uma refinaria de óleo de soja com capacidade para 60 toneladas/dia e um moinho de trigo com capacidade para 80 toneladas/dia.

É deste complexo industrial forte que saem os produtos Coamo que, junto com as commodities agrícolas, são comercializados nos mercados interno e externo. A qualidade dos produtos e commodities Coamo é reconhecida no Brasil e no exterior, graças à observância de rigorosos padrões de controle. Por isso tudo é que o slogan adotado pela cooperativa afirma que ela é uma cooperativa que “planta evolução e que colhe qualidade”.

O mercado está de olho no Brasil

Agricultores americanos e Bolsa de Chicago acompanham com expectativa cultivo da safra brasileira de soja



Colheita de soja em propriedade em Lafayette, Indiana, nos Estados Unidos

Os agricultores norte-americanos estão acompanhando com muita expectativa o cultivo da safra de verão 2004/2005 em território brasileiro. O interesse maior, não somente dos produtores mas também das empresas multinacionais que operam na Bolsa de Chicago é em relação ao plantio da soja, que assim como no Brasil, também é um dos principais produtos da agricultura nos Estados Unidos. A principal preocupação é com a cotação internacional do grão, que a partir da combinação de alguns

fatores, como a expectativa de uma boa safra americana e a previsão de um plantio recorde no Brasil e Argentina pode derrubar ainda mais o preço da commodity, que na primeira semana de outubro oscilou entre US\$ 5,20 e US\$ 5,50 por bushel (27,2 quilos).

Por conta principalmente de questões de preço e levando em consideração o potencial produtivo da agricultura brasileira, “todo mundo, o mercado está de olho no Brasil”, disse Paul L. Kram Júnior, vice-presidente sênior da Fimat, uma das corretoras americanas que possui assento na

Bolsa de Chicago. Paul também lembrou que Brasil e Argentina, juntos, devem ter uma produção de soja superior a dos Estados Unidos em toneladas, que de acordo com previsão do USDA (United States Department of Agriculture) – departamento de agricultura americano – deve atingir aproximadamente 84 milhões de toneladas. Se Brasil e Argentina confirmarem sua expectativa de plantio, a produção dos dois países deve ter uma colheita estimada superior a 100 milhões de toneladas.

Contudo, conforme avaliação de Paul Kram, produtores e analistas americanos ainda apostam que o Brasil deve reduzir sua intenção de plantio, diminuindo conseqüentemente a previsão de colheita. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil deve cultivar 23 milhões de hectares com soja, esperando uma produção estimada, que se confirmada será um novo recorde, de 65 milhões de toneladas, com uma produtividade média de 2.870 quilos/hectare.

Eric Ronn, integrante do Farm Bureau (federação da agricultura) de Champaign, em Illinois, também não acredita que o Brasil deva continuar a registrar recordes na produção de soja. Questionado sobre a possibilidade de o Brasil tornar-se o maior produtor mundial de soja, ele respondeu: “seremos então o número 2”, para perguntar, logo em seguida: “será que vocês vão conseguir vencer?”. Eric Ronn é produtor em Illinois, estado americano que concentra de 15% a 20% da produção de grãos no país. Uma das referências de Ronn, assim como de Paul Kram sobre a agricultura brasileira é Blairo Maggi, governador do Mato Grosso, que é o maior produtor de soja do mundo.

Sobre os questionamento e preocupações dos americanos em relação à produção de soja do Brasil, o gerente da área Técnica e Econômica da Ocepar, Flávio Turra explica que os brasileiros estão mais competitivos em relação aos Estados Unidos, seja no custo de produção ou na tecnologia de produ-



Técnico brasileiro “limpa os pés” para entrar em propriedade americana

ção. Os americanos, segundo Flávio, vão continuar tendo um forte apoio interno na forma de subsídios, mas por outro lado, os brasileiros devem continuar aumentando sua produção. “Além do que, ao contrário dos americanos, nós ainda temos áreas disponíveis para o aumento do plantio”, disse Flávio, afirmando que nos próximos anos o Brasil deve superar os Estados Unidos, transformando-se no celeiro mundial de produção de soja.

Em termos de produtividade, por

exemplo, “nos últimos anos já nos tornamos mais eficientes que os agricultores americanos”, disse Turra, destacando ainda que a cada safra o Brasil também aumenta sua participação na produção mundial, que em 2004/2005 deve ser de aproximadamente 29,6%, contra 34,6 % dos Estados Unidos.

Ferrugem da soja

Outro assunto que merece atenção e cuidados especiais por parte dos produtores americanos é a ferrugem da soja. Doença que afeta o desenvolvimento vegetativo da planta, a ferrugem da soja já aparece em praticamente todo a região produtora do Brasil, em especial nas áreas do Centro-Oeste. O fun-

go que provoca a ferrugem compromete os índices de produtividade e conseqüentemente o volume de produção da lavoura.

Além do monitoramento feito nas propriedades rurais, mesmo não tendo registrado nenhum foco da doença, os Estados Unidos também investem em pesquisa e se preparam para combater a chegada do fungo em solo americano. Um exemplo é o trabalho da Universidade de Illinois, que desenvolve pesquisas a partir de fungos mani-

Produção de soja nos EUA, Brasil, Argentina e Paraná (*)

País	Produção (mil t)	Produtividade (Kg/ha)	Participação na Produção Mundial (%)
EUA	84.000	2.540	36,7
Brasil	66.000	2.820	29,6
Argentina	39.000	2.620	17,5
Paraná	12.300	3.000	-

(*) Fonte: USDA, Conab e Seab-PR. Estimativa para safra 2004/2005.

pulados em laboratório.

Durante visita técnica realizada à Kemper Farms, fazenda no município de Lafayette, Indiana, produtores e técnicos brasileiros tiveram que se submeter a um tratamento sanitário preventivo adotado na propriedade. Antes de entrar na fazenda, todos tiveram que mergulhar a sola dos calçados em um recipiente com um produto químico utilizado para desinfecção. “É tudo uma questão de prevenção, já que vocês são de um País que apresenta focos da doença”, justificou Alan Kemper, proprietário da área. Os produtores americanos não têm dúvida de que é apenas uma questão de tempo para a ferrugem da soja atingir as lavouras nos Estados Unidos.



Operações na Bolsa de Chicago têm relação direta com a safra do Brasil

Bolsa de Chicago: com os olhos no futuro

“A produção do Brasil e da Argentina já justifica o lançamento de contratos de compra e venda a partir de uma filial no Brasil”, disse Paul L. Kram Júnior, sobre a expectativa em relação a abertura de um escritório da Bolsa de Chicago no Brasil. Ele preferiu não fazer nenhuma previsão, mas disse acreditar que, num curto espaço de tempo, a Bolsa de Chicago deve estar operando com um escritório no Paraná, mais precisamente em Paranaguá, onde está localizado um dos maiores terminais portuários de embarque de grãos do mundo. “Tudo depende de pequenos acertos, questões de legislação interna, problemas de regulamentação”, afirmou Kram, deixando claro que são entraves burocráticos dentro do Brasil, não existindo qualquer indisposição por parte dos diretores da Bolsa.

As negociações para a abertura de uma representação no Brasil tiveram um encaminhamento mais concreto

em junho deste ano, quando o presidente da Bolsa de Chicago, Charles Carey, esteve no Paraná, onde participou de uma audiência com o governador Roberto Requião, confirmando a intenção de abrir um escritório em Curitiba ou Paranaguá. A aproximação dos diretores da Bolsa com o governo do Estado se deu por intermédio da Cooperativa Coamo, de Campo Mourão, uma das maiores exportadoras de soja da América Latina. No ano passado, por exemplo, sozinha a Coamo exportou 1,34 milhão de toneladas do complexo soja, obtendo um receita superior a US\$ 280 milhões.

A Bolsa de Chicago é fator determinante para o preço internacional da soja. Um dos principais instrumentos utilizados pelos corretores são os contratos futuros de compra e venda, baseados na intenção de plantio, que acabam garantindo liquidez à comercialização do grão. “É o compromisso feito hoje, com olhos no futuro”, resu-

miu Paul Kram, afirmando que ao definir preços a Bolsa assume também a função de diminuir e manejar os riscos no comércio e produção da commodity. Diariamente são negociados através da Bolsa de Chicago entre 70 e 100 mil contratos de soja.

Entre as vantagens da instalação do escritório no Paraná, está o fato de que o preço das principais commodities agrícolas comercializadas na América do Sul seja balizado pelo valor do mercado local. “Acredito que o Brasil está pronto para ter contratos que possam atender diretamente suas necessidades”, disse Carey durante sua passagem por Curitiba. ■

O jornalista Giovani Ferreira, da assessoria de comunicação da Ocepar, participou de uma viagem técnica aos Estados Unidos, entre os dias 18 a 25 de setembro, a convite da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep).

Incentivo

Programa visa a expansão da produção de cana-de-açúcar e álcool com a modernização das instalações industriais

ao setor sucroalcooleiro

Lideranças de cooperativas e de indústrias de açúcar e álcool do Paraná participaram em setembro, no Palácio Iguaçu, do lançamento do programa que visa expandir a produção de cana-de-açúcar e álcool, com a modernização das instalações industriais, com investimentos de R\$ 1,8 bilhão. O decreto 3.493, assinado pelo governador Roberto Requião, prevê o aumento em 150 mil hectares de área plantada, a geração de 16 mil empregos diretos e a construção de um terminal especializado em álcool no Porto de Paranaguá para garantir a qualidade do que for exportado.

“Não se trata de subsídios ou favorecimentos especiais, mas apenas do reconhecimento da qualidade estratégica do setor produtor de cana-de-açúcar”, afirmou o governador. Do total, R\$ 1,8 bilhão, R\$ 800 milhões seriam investidos pelas cooperativas e indústrias e o restante, R\$ 1 bilhão, financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Com estes investimentos, o presidente da Associação de Produtores de Álcool do Paraná (Alcopar) e diretor da Cooperativa dos Produtores de Cana de Paraíso do Norte (Coopcana), Anísio Tormena, acredita que haverá expansão de mais 150 mil hectares da área que hoje é de 340 mil hectares. Com isso, em dois anos o Estado poderá acrescentar mais 1,1 bilhão de litros de álcool à produção



Produção atual é de 1,2 bilhão de litros de álcool e 1,8 milhão de toneladas de açúcar

atual de 1,2 bilhão de litros e 1,8 milhão de toneladas de açúcar. “Temos um potencial fantástico no Paraná”, disse Tormena. Ele acredita que a safra, hoje de 28 milhões de toneladas de cana, tenha aumento de 45%. A previsão é que o setor, que hoje emprega 70 mil pessoas, agregue mais 16 mil postos. A Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina estuda a possibilidade de implantação de um terminal exclusivo para exportação de álcool. Hoje, a exportação paranaense é de 200 milhões de litros anuais.

No Paraná, oito cooperativas trabalham com cana-de-açúcar e são responsáveis por 23% da produção total, sendo que cinco industrializam álcool e três álcool e açúcar. Segundo o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski esta iniciativa do governo estadual em assinar um decreto incentivando o desenvolvimento do setor é recebida de forma extremamente positiva pelas cooperativas. “Hoje o setor sucroalcoolei-

ro é responsável pela geração de mais de 70 mil empregos diretos e cerca de 500 mil indiretos, geram cerca de R\$ 400 milhões de impostos por ano e está presente na vida de mais de 130 municípios de nosso Estado. Os novos investimentos aqui hoje anunciados irão impulsionar ainda mais o setor. Ganham as cooperativas, ganham as indústrias, ganham os produtores e ganha o Paraná”, lembra.

Dia 22 de setembro, um dia após a reunião em Curitiba, o governador Roberto Requião acompanhou a diretoria da Associação dos Produtores de Álcool e Açúcar do Estado do Paraná (Alcopar) ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no Rio de Janeiro, em busca de recursos para financiar a expansão do setor. Na ocasião, o presidente do BNDES, Carlos Lessa, garantiu financiamento de R\$ 1,3 bilhão para ampliar a produção e a comercialização de álcool do Paraná.

Quando se trabalha em equipe, sempre é possível ir mais longe.

www.unimed.com.br



ANS - n.º 312720



A Federação das Unimed's do Estado do Paraná parabeniza o **Comitê Paraolímpico Brasileiro** pelas **medalhas conquistadas** em Atenas pelos nossos atletas.

A Unimed é o **plano de saúde** do Comitê Paraolímpico e foi responsável por todo o acompanhamento médico de 270 pessoas entre atletas, guias, técnicos e colaboradores do Comitê durante todo esse ano.

Parabéns! Resultados como esse fazem a gente acreditar ainda mais que uma boa saúde é fundamental para o sucesso.



Unimed
Paraná



2º turno em quatro municípios do PR

Eleitores de Curitiba, Londrina, Ponta Grossa e Maringá voltam às urnas dia 31 de outubro

Quase 2 milhões de eleitores, dos quatro maiores municípios do Paraná, devem voltar às urnas para o 2º turno das eleições municipais. Em Curitiba, Londrina, Ponta Grossa e Maringá o novo prefeito deve ser conhecido somente em 31 de outubro. Assim como aconteceu no 1º turno, a Justiça Eleitoral aposta na eficiência das urnas eletrônicas para divulgar o resultado poucas horas após o encerramento da votação. Para Curitiba, por exemplo, primeira Capital do País a concluir a apuração dia 03 de outubro, a previsão é divulgar o nome do novo prefeito até às 18 horas do dia 31, apenas uma hora após o término da votação.

Em todos os municípios onde os eleitores levaram a decisão para o 2º turno, a vantagem do primeiro para o segundo colocado não passou de 5 pontos percentuais. Em Curitiba, Beto Richa (PSDB) ficou com 35,06% dos votos válidos, con-



tra 31,18% de Ângelo Vanhoni (PT); em Londrina, Antônio Belinati (PSL) teve 32,10% e Nedson Micheleti (PT), 27,22%; em Ponta Grossa, Pedro Wosgrau (PSDB) alcançou 44,27% e Péricles de Mello (PT), 40,49%; e em Maringá, Ivo Caleffi (PT) com 28,41% vai para a disputa com Silvio Barros (PP), que registrou 24,66% dos votos válidos.

Uma das surpresas registradas neste pleito foi a eleição em Cascavel. O atual prefeito, Edgar Bueno (PDT), que tinha sua reeleição dada como certa pelos institutos de pesquisa, obteve 30,64% dos votos válidos e foi derrotado pelo candidato Lísias de Araújo Tomé (PPS), que teve 48,33% dos votos. Em Foz do Iguaçu, Paulo Mac Donald Ghisi

(PDT) foi o vencedor, com 49,40% dos votos, derrotando o atual prefeito Sâmis da Silva (PMDB), que teve 46% dos votos.

Em Ponta Grossa, eleitores e candidatos vivem uma situação inédita. Depois uma campanha que envolveu toda a sociedade, o município conseguiu superar a casa dos 200 mil eleitores e terá, pela primeira vez na história, a definição do novo prefeito numa disputa em 2º turno.

No 1º turno das eleições no Paraná foram eleitos 395 prefeitos e 3.692 vereadores. Em todo o Brasil deixam de existir 8.528 vagas de vereador, um corte de 14,1%. No Paraná, foram cortadas 315 vagas. Londrina, segundo maior município do Estado, reduz o número de cadeiras de 21 para 18. Em Ponta Grossa, a redução é ainda maior: de 21 para 15 vagas. Somente Curitiba pôde aumentar o número de vereadores, de 35 para 38. O novo cálculo é proporcional ao número de habitantes dos municípios.

A consulta aos nomes dos prefeitos e vereadores eleitos, inclusive com o número de votos obtidos, pode ser feita no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no endereço www.tse.gov.br.

COMPROMISSO COM O PARANÁ

O SICREDI, Sistema de Crédito Cooperativo, é uma instituição formada por cooperativas de crédito.

As cooperativas de crédito integrantes do SICREDI são instituições financeiras que pertencem aos seus associados e são um instrumento de organização econômica da comunidade, oferecendo soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da comunidade.

Para atender as necessidades dos associados, foram criadas empresas corporativas que garantem serviços especializados e ganhos em escala.

Vários produtos e serviços estão à disposição para atender as necessidades dos associados.

No Paraná, o SICREDI está presente em mais de 212 municípios, com 253 unidades de atendimento e, em algumas comunidades, as cooperativas de crédito são a única instituição financeira.

Para o SICREDI, mais importante é o seu compromisso com o desenvolvimento das comunidades onde atua. Por isso, mais de 170 mil paranaenses já aderiram e usufruem dos benefícios do seu Sistema de Crédito Cooperativo, presente em seis estados brasileiros.

*SICREDI, Sistema de Crédito Cooperativo
e o compromisso com o desenvolvimento do Paraná.*

O seu
Sistema de
Crédito Cooperativo



www.sicredi.com.br

Canadá

Durante duas semanas, um grupo de 11 lideranças cooperativistas do Canadá, ligadas à Cooperative Fédérée de Québec, percorreram as regiões Centro Sul, Norte, Noroeste e Oeste, em visita a diversas cooperativas do Paraná. Na opinião do presidente da Fédérée, Denis Richard, "voltamos com o sentimento de que temos muito o que aprender com as cooperativas paranaenses, que através de um sistema muito organizado, com assistência técnica eficiente e atendimento aos cooperados, produz, industrializa e comercializa de forma surpreendente", disse. "Viemos conhecer um pouco mais sobre o cooperativismo praticado por vocês e retornamos ao nosso País com a melhor das impressões, na certeza de que num futuro poderemos desenvolver alguma espécie de parceria entre os dois países", lembrou o líder canadense. João

Jucepar

Atendendo a um convite do presidente da Junta Comercial do Paraná (Jucepar), Júlio Maito Filho, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo



Koslovski, acompanhado pelo vogal da entidade na Jucepar, Guntolf van Kaick e pelo superintendente adjunto, Nelson Costa, que é suplente de vogal, participaram dia 28 de setembro de um café da manhã, em Curitiba. A finalidade deste encontro, além de um estreitamento de relações entre as entidades, foi o de proporcionar aos 20 vogais titulares da Jucepar, a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o Sistema Ocepar e o cooperativismo paranaense. Além da apresentação de um vídeo institucional, mostrando a atuação do sistema nos diversos ramos e suas realizações, o presidente da Ocepar fez uma rápida explanação, tanto sobre a Ocepar como também do Sescop Paraná, que despertou interesse dos presentes, principalmente pelo fato de alguns vogais desconhecerem que as cooperativas também possuem o seu Sistema "S", que muito já realizou. "Percebemos dia após dia o crescimento do cooperativismo no Paraná e a expansão do agronegócio", disse o presidente da Jucepar. Já o vice-presidente da Fiep, Ardisson Naim Akel destacou que o Sistema Ocepar é um exemplo de democracia, onde todas as decisões são tomadas com a aprovação da maioria.



Paulo Koslovski, presidente da Ocepar, disse que o Sistema Ocepar "se sente honrado em poder receber integrantes de uma entidade co-irmã de um continente tão distante e que tem por princípio a mesma filosofia e mesmo com as dificuldades de diferentes idiomas, acabam sendo superadas pelos interesses comuns".

Inauguração Sicoob

O Sicoob Curitiba abriu o seu primeiro Posto de Atendimento Cooperativo (PAC). Funcionando desde o dia 22 de setembro, a estrutura foi inaugurada no dia 06 de outubro, dentro do Shopping Portal Plaza, no bairro Boqueirão, numa das regiões mais populosas da Capital paranaense. José Manoel de Macedo Caron Júnior, presidente do Sicoob Curitiba, explica que a localização é estratégica, levando em consideração que existem poucas agências bancárias para atender a grande demanda de comércio e serviços da região. Com 450 cooperados, o Sicoob Curitiba tem uma meta ambiciosa: "nos próximos três anos, queremos inaugurar 30 agências em Curitiba e Região Metropolitana", disse Caron. Em apenas oito dias de funcionamento, o posto de atendimento do Boqueirão já havia conquistado 41 cooperados que, segundo Caron, buscam no Sicoob o diferencial do crédito a juros mais baixos e taxas e tarifas de serviço mais em conta do que os praticados pelo sistema financeiro convencional. Em novembro o Sicoob completa um ano de operação em Curitiba, com uma agência na Associação Comercial do Paraná (ACP).



60 anos da Seab



Em comemoração aos 60 anos de sua fundação, a Secretaria da Agricultura e Abastecimento promoveu em setembro, no Teatro Guaíra, solenidade em homenagem aos ex-secretários da Agricultura do Paraná, funcionários mais antigos e entidades de classe do agronegócio paranaense pelos serviços prestados para o desenvolvimento da agropecuária paranaense. Entre as entidades homenageadas estava o Sistema Ocepar, representada na ocasião pelo presidente, João Paulo Koslovski, que recebeu das mãos do secretário e vice-governador, Orlando Pessuti e do Delegado Federal do Ministério da Agricultura no Paraná, Valmir Kowaleski, uma medalha e um diploma com a seguinte inscrição: "Título de Entidade de Classe Pioneira – O Governador Roberto Requião e o vice e secretário de Estado da Agricultura e do Abastecimento, Orlando Pessuti em comemoração aos 60 anos da Seab, conferem ao Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, o título de Entidade de Classe Pioneira – Curitiba 18 de setembro de 2004".

Lei de Biossegurança I

Para o senador Osmar Dias (PDT/PR), a aprovação de três emendas, na última hora e sem que houvesse acordo prévio entre os relatores, descaracterizou completamente a Lei de Biossegurança, aprovada no início do mês pelo Senado. "Discutimos intensamente o Projeto de Lei e havia um acordo para aprovação de duas emendas, uma do senador Jonas Pinheiro, que transformei em sub-emenda, e outra do senador Tasso Jereissatti. Este acordo não foi cumprido, foram aprovadas mais três emendas e na minha opinião o projeto, como foi aprovado, vai significar dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa com os transgênicos. A expectativa é que a Câmara dos Deputados resgate o projeto original do Senado", avaliou Osmar Dias. Segundo Osmar, apesar disso, a discussão do Projeto de Lei de Biossegurança provou que o Senado debateu intensamente, com responsabilidade e preservando o princípio da cautela, assuntos polêmicos e importantíssimos como os transgênicos e a pesquisa com células tronco.

Lei de Biossegurança II

A Associação Nacional de Biossegurança, entidade que reúne os cientistas brasileiros, enviou correspondência ao senador Osmar Dias (PDT/PR) para agradecer e parabenizá-lo "pelo brilhante desempenho, civilidade e ética durante as discussões do Projeto de Lei de Biossegurança". Segundo Leila Macedo Oda, presidente da Associação, a atuação de Osmar Dias "foi fundamental para a construção de um marco regulatório avançado, conciso, eficiente e em plena consciência com os avanços científicos e tecnológicos do País no campo da biotecnologia e biossegurança". Para a ANBio, a atuação de Osmar Dias "foi essencial para colocar um ponto final na problemática que hoje aflige o País, que apesar do pleno domínio da genômica encontra-se com as pesquisas no campo da biotecnologia muito aquém de suas possibilidades devido aos entraves burocráticos impostos por posicionamentos ideológicos".

Beneficiamento de sementes da Integrada

A Cooperativa Integrada inaugurou em setembro sua terceira unidade de beneficiamento de sementes. Com investimentos de mais de R\$ 3 milhões, a indústria foi construída em Santa Cecília do Pavão e vai beneficiar por ano mais de 70 mil sacas de sementes de trigo e 80 mil sacas de sementes de soja. A obra foi financiada com recursos do BRDE e vai aproveitar o potencial sementeiro da região. "Os cooperados de Santa Cecília do Pavão serão os maiores beneficiados, pois esta unidade vai agregar ainda mais valor ao grão produzido na região", destaca o presidente da Integrada, Carlos Murate. "Este investimento vai agilizar a colheita dos cooperantes de sementes, que não precisarão mais se deslocar até Londrina para entregar sua produção", completa Murate. No ano passado, a Integrada inaugurou no município uma unidade de recebimento com capacidade estática de 7 mil toneladas e investimentos de mais de R\$ 2 milhões.

Demandas sugerem ações prioritárias

Planejamento do sistema cooperativo faz o levantamento das demandas do sistema

O planejamento integrado do cooperativismo paranaense, com a definição do Plano Paraná Cooperativo 2010, dá início a uma etapa mais prática de elaboração do projeto. Enquanto as cooperativas finalizam a coleta de dados, definem suas necessidades e estabelecem as metas a serem alcançadas, os técnicos responsáveis pela formatação do programa começam a trabalhar na tabulação e consolidação das informações, que estão sendo agrupadas por região, partindo inicialmente para o planejamento estratégico regional do sistema cooperativo do Estado.

Nas últimas semanas, os agentes responsáveis pelo acompanhamento e implantação do Paraná Cooperativo 2010 dentro das cooperativas reuniram dirigentes e colaboradores, e em discussões setorializadas, por departamento ou entrepostos, procuraram mapear a situação atual e projetar cenários futuros, de acordo com a atividade desenvolvida. Essas informações estão agora sendo analisadas pelo grupo que atua na elaboração do planejamento, que ao lado das cooperativas começa a definir as ações que devem ser realizadas de forma integrada para o desenvol-



Frans Borg: "Ocepar tem uma missão e precisa ter visão"

vimento do sistema.

Nesse sentido, Gerson Lauermann, gerente de Autogestão do SESCOOP-PR e um dos coordenadores do Paraná Cooperativo 2010, explica que as demandas apresentadas pelas cooperativas já sugerem algumas das ações que terão prioridade na execução do planejamento. Entre elas estão programas especiais para investimento e capitalização das cooperativas; profissionalização; e desenvolvimento de novos produtos, com a inserção e prospecção de novos mercados. Segundo Lauermann, essas necessidades revelam a preo-

cupação das cooperativas em projetar seu futuro, procurando se posicionar de forma cada vez mais competitiva no mercado.

Essa também é a avaliação de Valter Pitol, presidente da Copacol, que aposta na visão estratégica de cada cooperativa para tornar o sistema cada vez mais competitivo. "Representamos parte importante da produção agrícola e pecuária do Estado. Devemos, no entanto, ter uma noção mais clara dessa realidade e principalmente saber aonde queremos chegar", disse Pitol, acreditando que o Paraná Cooperativo 2010 pode ampliar o horizonte das cooperativas.

Para Ricardo Chapla, presidente da Copagrill, o grande avanço desse planejamento coordenado pela Ocepar é o trabalho conjunto, a integração das cooperativas do Paraná. "Existem assuntos individuais, questões específicas, que precisam ser tratados isoladamente, mas agora estamos falando de questões macro, de integração", lembra Chapla.

A opinião de Frans Borg, presidente da Cooperativa Castrolanda, é que a Ocepar tem uma missão e precisa ter visão. "É essa visão, de médio e longo prazo, precisa ser baseada em alguma coisa, que é esse planejamento", destaca Borg. ■

Plantando Evolução Colhendo Qualidade



COAMO

AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA

www.coamo.com.br

Espaço do leitor



Esta seção da revista Paraná Cooperativo tem como objetivo abrir um espaço para a participação do leitor, que através de correspondência enviada pelos Correios ou via e-mail pode esclarecer dúvidas, fazer críticas, sugestões ou então comentar alguma matéria de seu interesse. As cartas devem ser encaminhadas para a Rua Mateus Leme, 575, Centro Cívico, CEP: 80530-010 - Curitiba - Paraná, ou pelo e-mail imprensa@ocepar.org.br



Agradeço o envio da excelente revista "Paraná Cooperativo", que foi também encaminhada aos colegas analistas. Espero, em breve, fazer uma visita na Ocepar, não apenas para renovar a expressão da minha admiração por todo este brilhante esforço, como para juntos aprofundarmos uma troca de informações que possibilite um aprimoramento das nossas análises.

Ruy Mauricio de Lima e Silva Neto
BRDE/PR



Sou da CERAL - Cooperativa de Eletrificação Rural de Arapoti, a qual vocês fazem referência em uma matéria na Edição 3 da revista Paraná Cooperativo. Gostaria de dizer que a matéria ficou muito legal e também gostaria de parabenizá-los pela mesma. Parabéns a todos.

Claudenir F Trindade
Informática



Por interesse do professor/doutor Régio Márcio Toesca Gimenes, estou solicitando o envio da revista Paraná Cooperativo. O professor está fazendo um trabalho junto com os alunos pesquisadores sobre cooperativas.

Rosely Merlini
Unipar



Há algum tempo tomamos conhecimento da revista Paraná Cooperativo. Desse tempo em diante, achamos muito interessante sua apresentação gráfica e editorial, colocando sempre que possível a disposição de outros interessados, colegas do BRDE. Este é um belíssimo trabalho que vocês fazem a cada novo número, sempre esclarecendo dúvidas do setor cooperativista paranaense e brasileiro.

Ênio Gomes da Silva
BRDE/SC



Parabéns a toda equipe do Paraná Cooperativo. Há muito se fazia necessário um meio de comunicação que divulgasse de forma geral as conquistas e as notícias referentes ao setor que impulsiona o desenvolvimento do País. Dessa forma a sociedade como um todo fica ciente da importância das cooperativas, que em muitos casos (como mostrado na matéria "Cidade Cooperativa", na edição nº 2), é a grande responsável pela sobrevivência de municípios e regiões.

Mario Vicente e equipe de
Imprensa e Marketing da Copacol

AGENDA

Fórum dos Presidentes

O comentarista econômico Joelmir Betting e o economista e ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, serão os conferencistas do Fórum dos Presidentes, a ser realizado em Curitiba no próximo dia 25 de outubro. Realizado anualmente e direcionado aos dirigentes das cooperativas paranaenses, o fórum tem por objetivo promover a reflexão sobre o cenário econômico nacional e internacional. O fórum deste ano será realizado no auditório do Cietep, na Av. das Torres, em Curitiba. Joelmir Betting, formado em sociologia, acabou se tornando jornalista esportivo e econômico. Atuou na Folha de São Paulo, no Estadão e na Globo. Já fez conferência na Ocepar, em 1984, e agora volta, 20 anos depois, para se encontrar novamente com os dirigentes. Em sua página na Internet traz artigos, o comentário do dia e notícias e interesse do setor. Gustavo Loyola, também conferencista de renome, foi diretor do Banco Central no governo de FHC até 1997, quando pediu demissão, tendo sido substituído por Gustavo Franco. Sua previsão econômica para este ano aponta três números: crescimento econômico de 4%; inflação de 6% e superávit comercial de US\$ 26 bilhões.

Transgênicos e Biotecnologia

Biotecnologia, transgênicos e desenvolvimento são os três principais temas do ciclo de seminários que acontecerá em sete capitais brasileiras, nos meses de outubro a maio de 2005, numa promoção conjunta do Idesa – Instituto para o Desenvolvimento Socioambiental e da Abrasem – Associação Brasileira de Sementes e Mudanças. Curitiba será a primeira capital a sediar estes debates, no próximo dia 21 de outubro, das 9 às 18 horas, no Teatro Paulo Autran (R. Coronel Dulcídio, 517). O evento inaugura o projeto Projeto BioBrasil que pretende discutir temas ligados à biotecnologia. Estes seminários, gratuitos e abertos ao público mediante inscrição pelo site www.biobrasil.org.br, contarão com a participação de importantes autoridades envolvidas no assunto, como Ywao Miyamoto, empresário, engenheiro agrônomo e presidente da Abrasem; Francisco Aragão, pesquisador do Centro de Recursos Genéticos e Biotecnologia da Embrapa; a economista Amyra El Khalili, presidente da ONG CTA-Consultants, Traders and Advisors e do Projeto BECE; Ruth Helena Bellinghini, jornalista e knight fellow do MIT; e o ator e diretor de teatro Sylvio Zilber. Informações pelo fone (11) 3259-2905 ou e-mail: atendimento@idesa.org.br.



Além do amplo leque de produtos nas gôndolas, a Cocamar produz muitos outros que você pode estar consumindo mesmo sem saber.

■ Farelos

destinados, como matéria-prima, a um amplo leque de indústrias

■ Óleo semi-refinado de caroço de algodão

indústria alimentícia

■ Linter de caroço de algodão

indústria alimentícia e outras

■ Fios de algodão

indústria têtil

■ Fios mistos (algodão + viscose + poliéster)

indústria têtil

■ Fios sintéticos

indústria têtil

■ Fios de seda

indústria têtil

■ Madeira tratada

cercamento de propriedades e construções rústicas

■ Álcool anidro

mistura, como aditivo, à gasolina

■ Álcool hidratado

combustível para automotores

■ Suco concentrado e congelado de laranja

indústrias de sucos, bebidas e alimentos

■ Óleos essenciais de laranja

aromatizante, destinado à indústria alimentícia

■ D'limonene

extraído da laranja, é fornecido à indústria de produtos de limpeza

■ Fase oleosa

obtido da laranja, destina-se à indústria de perfumaria

Confiança a gente conquista



www.cocamar.com.br



Pesquisa e pioneirismo a serviço do produtor

Fundação ABC – braço tecnológico das cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda – completa 20 anos de atuação



Criada com a missão principal de validar tecnologias para o ambiente dos Campos Gerais, a Fundação ABC para Assistência e Divulgação Téc-

nica Agropecuária – braço tecnológico das cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda – completa neste mês de outubro 20 anos de serviços prestados aos produtores rurais da re-

gião dos Campos Gerais.

Com atuação marcada pela permanente busca da inovação, ao longo desse período a ABC jamais deixou de testar qualquer tecnologia que pu-

desse impactar a vida do produtor. Pelo contrário, graças ao pioneirismo herdado dos colonizadores holandeses, ela soube transformar-se numa entidade de interesse público nacional e ponto de referência do sistema de plantio direto, técnica desenvolvida na região, e que mudou a maneira de fazer agricultura no País. Antes da Fundação ABC, nenhuma outra instituição havia reunido pesquisa, extensão, produtor e empresa no Brasil.

A história dessa organização tem muito a ver com a implantação da colônia holandesa na Região dos Campos Gerais. Suas raízes datam do mês de março de 1911, quando a família Verschoor, vinda de uma fracassada tentativa de estabelecimento na localidade de Gonçalves Júnior, próximo a Irati, migrou para os Campos Gerais, e ali plantou um próspero núcleo de colonização. A eles juntaram-se, quase imediatamente, os Vriesman, depois os De Geus, e muitos outros pioneiros.

Do apoio dos técnicos e agrônomos enviados pelo governo holandês até por volta de 1970 para ensinar práticas agrícolas, ministrar aulas, palestras e cursos rápidos de agricultura, os colonos evoluíram inicialmente para os DATs – Departamentos de Assistência Técnica das cooperativas, e posteriormente para a Fundação ABC, entidade privada de pesquisa, criada com o objetivo de dar amparo tecnológico aos produtores.

Entre os grandes avanços “plantados” pela Fundação ABC ao longo de 20 anos de pesquisa a serviço do produtor pode-se destacar: a conscientização sobre o uso de defensivos agrícolas, a validação de máquinas durante dias de campo, a rotação de culturas (o que plantar antes, o que



Sede da Fundação ABC, em Castro-PR

virá depois, qual a época mais recomendada, como fazer), o uso da aveia como palhada para proteção do solo, a introdução da silagem de milho úmido e da silagem pré-secada na alimentação animal, o sistema de plantio direto e outros avanços.

Durante essa caminhada a Fundação tem se preocupado em buscar respostas não apenas para questões ligadas diretamente ao sistema de produção, como mecanização, controle de plantas daninhas, controle de doenças, controle de insetos, manejo da fertilidade do solo e outras, mas também em promover a integração lavoura/pecuária, orientando a destinação ecologicamente correta dos dejetos suínos e bovinos no sistema, procurando intensificar mais o traba-



Albert Salomons: presidente da Capal

lho de rentabilidade do produtor durante a ociosidade do inverno.

“Os produtores que têm uma visão estratégica de médio e longo prazo enxergam a Fundação como uma solução, e eles estão satisfeitos. Espera-se que a nova geração perceba que a Fundação

é uma necessidade para a região ser competitiva. Ela pode prestar bons serviços dependendo da demanda dos produtores”, afirma Frans Borg, presidente da Cooperativa Castrolanda.

“A Fundação tem sido um instrumento muito importante para a agricultura regional. É uma instituição nossa que merece todo respeito e deve ser tratada com muito carinho. Sem o trabalho da Fundação, que trouxe o plantio direto para nossa região, não existiria agricultura em Arapoti. Aqui existiam voçorocas de 30 metros de largura por 15 de profundidade. Era uma loucura, qualquer chuva de 40/50 milímetros lavava tudo”, conta Albert Salomons, presidente da Capal Cooperativa Agroindustrial de Arapoti.

Atualmente, as cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda se beneficiam das técnicas e sistemas desenvolvidos pela Fundação ABC, garantindo uma atualização técnica constante de seus 1.300 cooperados, que cultivam uma área de 200 mil hectares e mantêm uma bacia leiteira de 600 mil litros diários.

Para otimizar os fatores de produção a entidade mantém áreas de pesquisa em: Agricultura de Precisão, Agrometeorologia, Defesa Vegetal, Fertilidade de Solos, Fitotecnia, Herbologia, Mecanização Agrícola, Pastagem e Nutrição Animal, e Sistemas da Informação. Seus campos demonstrativos e experimentais situam-se em Ponta Grossa, Castro (Fazenda Capão do Cipó e Fazenda Capão Alto), Tibagi e Arapoti. ■

Dinheiro para ajudar o agronegócio



Divulgação

65% do dinheiro depositado na poupança serão aplicados imediatamente em crédito rural

O setor primário da economia, principalmente a agricultura, será o principal beneficiado pela Poupança Sicredi, que começou a ser captada em setembro através das mais de 840 unidades de atendimento Sicredi do Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina. O presidente da Sicredi Central Paraná, Seno Cláudio Lunkes, afirma que essa poupança será um importante instrumento para o atendimento da demanda de crédito rural e de desenvolvimento das comunidades. “Pelo menos 65% do dinheiro depositado na Poupança Sicredi serão aplicados imediatamente em crédito rural. Significa que a poupança vai dinamizar a economia local, e isso é um argumento importante para os cidadãos abrirem suas poupanças”, frisa Lunkes.

A Poupança Sicredi é resultado do atendimento, pelo Banco Central, de uma das mais antigas reivindicações do sistema cooperativista, que era a autorização para captação de poupança rural. A autorização foi dada aos bancos cooperativos Bansicredi e Bancoob, que fazem a captação através dos

seus correspondentes bancários, as cooperativas de crédito rural e de livre admissão. A poupança rural segue a mesma regulamentação da poupança convencional, com correção e garantia iguais. “É um produto conhecido, seguro e de credibilidade aberto a qualquer cidadão. Por isso, acreditamos muito na sua aceitação”, afirma Seno Cláudio Lunkes.

“Multiplique o seu real com um in-

“

É um produto conhecido, seguro e de credibilidade aberto a qualquer cidadão

”

vestimento simples e seguro”. Esse é o slogan adotado pelo Sicredi para fazer o marketing do mais novo produto não apenas entre os seus mais de 815 mil associados, mas junto à população onde há unidades de atendimento Sicredi. Qualquer cidadão pode abrir uma Poupança Sicredi, pois a conta é aberta através da cooperativa, no Banco Cooperativo Sicredi. “Por isso não é necessário ser

associado do Sicredi”, explica Seno Cláudio Lunkes. O valor mínimo a ser aplicado na abertura da conta é de R\$ 20,00.

Ainda é cedo para estimar o volume de recursos que o Sicredi vai captar através da nova poupança. Mas seus dirigentes apostam que terá uma participação significativa no bolo de R\$ 148 bilhões que representam as cadernetas de poupança no Brasil. “Nós atuamos com destaque nas comunidades do interior e vamos aplicar nas próprias comunidades os recursos ali captados. Quem quer o crescimento de suas comunidades vai aplicar em poupança em nossas unidades de atendimento”, afirma Seno Cláudio Lunkes. “Vamos gerar mais recursos para financiar o setor primário da economia e de forma muito abrangente. É uma maneira de fortalecer as economias das cidades do interior”, frisou o diretor do Banco Cooperativo Sicredi, Pedro Irio.

A autorização para os bancos cooperativos captarem recursos da poupança para aplicação em crédito rural é reconhecida como uma das mais importantes conquistas do setor, pois vai permitir resolver parte do déficit de recursos para crédito.



O toque final que a
sua receita merece.

Frimesa

Seu sorriso é a nossa marca.

INDICADORES ECONÔMICOS

A revista Paraná Cooperativo publica e atualiza, a cada edição, alguns dos principais indicadores econômicos que balizam o processo econômico/financeiro do País. São dados conjunturais, como taxa de inflação, câmbio, balança comercial, entre outros, cotações do mercado agrícola e pecuário e números do cooperativismo paranaense. As informações estão disponíveis com um histórico dos últimos 12 meses. No caso da tabela que mostra a presença das

cooperativas no cenário econômico do Paraná, os números são a partir de 2000, consolidados até 2003 e com uma estimativa para 2004. A proposta desta seção é disponibilizar um material de consulta – com informações atualizadas – aos técnicos e dirigentes que trabalham no sistema cooperativo, aos demais profissionais que atuam no agronegócio, bem como ao público leitor em geral, que de uma maneira ou de outra necessita de informações do mercado financeiro.

INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores		Ago 03	Set 03	Out 03	Nov 03	Dez 03	Jan 04	Fev 04	Mar 04	Abr 04	Mai 04	Jun 04	Jul 04 (*)	Ano 00	Ano 01	Ano 02	Ano 03	Ano 04
Taxa inflação	IPCA	0,34	0,78	0,29	0,34	0,52	0,76	0,61	0,47	0,37	0,51	0,71	0,48	5,97	7,67	12,53	9,30	3,91
	IGP-Di	0,62	1,05	0,44	0,48	0,60	0,80	1,08	0,93	1,15	1,46	1,29	1,14	9,80	10,40	26,41	7,67	8,11
Taxa desemprego	%	13,0	12,9	12,9	12,2	10,9	11,7	12,0	12,8	13,1	12,2	11,7	11,0	7,1	6,2	7,1	12,3	12,1
Taxa de Câmbio	R\$/US\$	3,00	2,92	2,86	2,91	2,92	2,85	2,93	2,90	2,91	3,10	3,13	3,04	1,83	2,35	3,49	3,08	2,98
Taxa Selic	%	23,51	21,02	19,54	18,32	16,92	16,33	16,31	16,20	15,97	15,78	15,80	15,90	16,19	19,05	20,44	23,37	16,04
TJLP	%	12,00	12,0	11,0	11,0	11,0	10,0	10,0	10,0	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	10,0	10,0	11,5	9,85
TR	%	0,404	0,336	0,321	0,178	0,189	0,128	0,046	0,178	0,087	0,155	0,176	0,195	0,173	0,189	0,274	0,379	0,138
Balança Comercial	Bilhões US\$	15,12	17,79	20,34	22,07	24,83	1,59	3,57	6,17	8,12	11,24	15,05	18,52	-0,75	2,64	13,13	24,83	18,52
IED	Bilhões US\$	8,49	11,01	12,53	12,39	5,08	3,84	2,81	1,62	1,57	0,70	-1,76	0,20	19,33	27,05	8,74	6,83	8,99
Res. Internacionais	Bilhões US\$	47,79	52,67	54,09	54,43	49,30	53,26	52,96	51,61	50,50	50,54	49,80	49,65	33,01	35,87	37,06	46,56	51,19

Fonte: Site dos Índices – www.ai.com.br, FGV, IBGE, Bacen, Mdic - Elaboração: Ocepar/Getec – 2004.

INDICADORES DE PREÇOS DO AGRONEGÓCIO

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Ago 03	Set 03	Out 03	Nov 03	Dez 03	Jan 04	Fev 04	Mar 04	Abr 04	Mai 04	Jun 04	Jul 04	Ago 04	Ano 00	Ano 01	Ano 02	Ano 03	Ano 04
Milho	R\$/Sc	13,02	14,35	14,19	14,83	15,25	14,91	14,81	15,67	18,20	18,96	17,37	15,97	14,97	10,75	8,31	13,90	15,73	16,65
Soja	R\$/Sc	32,80	35,57	41,05	43,95	42,53	42,54	42,46	48,15	47,57	45,89	40,32	35,98	34,22	17,21	19,06	25,69	37,42	44,49
Trigo	R\$/Sc	25,54	25,70	23,95	23,68	24,03	23,74	23,79	24,31	27,07	29,32	29,72	26,79	24,63	13,09	15,65	29,49	27,24	26,32
Algodão	R\$/@	16,08	16,24	16,51	17,82	18,09	19,28	20,42	20,52	20,77	17,54	16,18	15,61	14,88	9,35	8,28	9,96	17,50	19,12
Café em coco	R\$/kg	2,34	2,34	2,31	2,32	2,36	2,51	2,69	2,75	2,74	2,82	3,09	2,76	2,64	2,21	1,42	1,56	2,31	2,77
Frango vivo	R\$/kg	1,31	1,37	1,44	1,39	1,44	1,40	1,42	1,37	1,32	1,42	1,46	1,45	1,44	0,80	0,86	1,02	1,37	1,40
Suíno raça	R\$/kg	1,53	1,84	2,01	1,90	1,83	1,78	1,76	1,89	1,93	1,93	2,12	2,26	2,46	1,09	1,23	1,17	1,59	1,90
Boi gordo	R\$/@	54,92	56,53	56,77	57,73	57,38	57,26	55,96	54,30	53,66	54,40	55,45	56,10	57,48	38,15	40,21	45,41	54,14	55,17
Leite cota	R\$/l	0,43	0,43	0,44	0,42	0,42	0,40	0,39	0,40	0,41	0,43	0,47	0,48	0,49	0,30	0,28	0,30	0,41	0,42

Fonte: Seab/Deral, Elaboração: Ocepar/Getec – Ago/2004. Preços médios mensais recebidos pelos produtores paranaenses.

INDICADORES DO COOPERATIVISMO

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004*
Faturamento (bilhões R\$)	6,49	8,02	11,21	15,50	18,00
Cooperativas (unidades)	194	193	202	204	210
Cooperados (unidades)	243.224	245.884	266.523	293.579	300.000
Colaboradores (unidades)	28.460	30.421	32.693	39.059	45.000
Exportações (milhões US\$)	355,42	633,82	643,87	800,00	1.000,00
Investimentos (milhões R\$)	-	300	350	450	780
Participação no PIB do Paraná	9,70%	10,50%	13,30%	16,50%	18,00%
Participação no PIB agropecuário do PR	47,00%	55,00%	52,00%	53,00%	55,00%

Fonte: Ocepar/Getec, O PIB do Paraná em 2003 foi de R\$ 94,17 bilhões e o valor bruto da produção agropecuária no Paraná foi de R\$ 28,01 bilhões.



Vem aí mais um show de tecnologia

Informações:

Fone/fax (45) 225-6885
Cascavel - Paraná

E-mail: showrural@coopavel.com.br
Home page: www.coopavel.com.br



COOPAVEL

**31 de janeiro a
4 de fevereiro
de 2005**

2005



**O MAIOR E MAIS AVANÇADO EVENTO
TECNOLÓGICO DA AGRICULTURA BRASILEIRA**

Especialistas em meio ambiente

Cooperativas investem na formação de profissionais para atender demanda ambiental do sistema

Na busca de soluções ambientais que garantam a preservação, a manutenção e a exploração equilibrada, mas que também permitam o pleno desenvolvimento das atividades agrícolas e industriais, o empenho das cooperativas paranaenses tem sido dirigido à interação entre os órgãos públicos de fiscalização, discutindo e interpretando as obrigações impostas pela lei. Favorável à prática de uma agricultura sustentável e ciente de sua responsabilidade em relação ao meio ambiente, o sistema também tem feito sua parte promovendo a formação de profissionais habilitados a desenvolver as atividades que garantam a harmonia entre produção e preservação.

Nesse sentido, para cumprir as exigências da legislação e atender a demanda das cooperativas, numa parceria com o Instituto Martinus de Educação e Cultura (IMEC), a Ocepar e o Sescop-PR decidiram investir na formação de mão-de-obra especializada junto aos profissionais do sistema. Estão sendo realizados dois cursos, um de extensão e outro de especialização, com a participação de aproximadamente 100 técnicos, que atuam em cooperativas de todo o Estado, em especial nas do Ramo Agropecuário e que desenvolvem atividades industriais.

Um dos cursos é o de Especialização em Gestão Ambiental, pós-gra-



Produção agrícola com preservação da área de mata, numa demonstração de respeito ao meio ambiente. Na foto acima, alunos do curso de Especialização em Gestão Ambiental



duação *latu sensu*, que teve início em março e está capacitando os participantes para assumir as funções e responsabilidade de perito e auditor ambiental. A formação de especialistas cumpre uma determinação legal, de uma lei estadual de 2002, colocada em prática em 2003, que obriga empresas que causam algum tipo de impacto ambiental, a ter um profissional responsável pelo laudo ambiental. Assim, ao invés de terceirizar esse serviço, o curso de pós-graduação oferece a oportunidade para a formação de um especialista dentro do próprio quadro de colaboradores, com a vantagem de já conhecerem a realidade da cooperativa, destaca Leonardo Boesche, da gerência de Desenvolvimento Humano do SESCOOP-PR.

Outro curso em andamento é o de Extensão em Auditoria Ambiental, que exige dos participantes a formação mínima do 2º Grau e tem como objetivo capacitar os alunos para que possam se apresentar junto aos órgãos de fiscalização e pleitear o reconhecimento do cargo de auditor ambiental. Assim como no caso do perito, a atuação do auditor ambiental nas atividades agri-

colas e industriais que apresentam impacto ao ambiente também é uma exigência da lei.

Na avaliação de Boesche, esses cursos demonstram a vontade das cooperativas em cumprir a legislação e também em apoiar as ações dos órgãos ambientais. Por outro lado, continua, como existe uma grande demanda do sistema nessa área, essa capacitação é uma forma de se preparar – prática e teoricamente – para discutir a legislação ambiental. “Para questionar e propor alterações na lei, é preciso ter conceitos teóricos que, aliados ao conhecimento, vão nos permitir validar e sugerir mudanças fundamentadas”, disse Leonardo. Para o secretário de Estado do Meio Ambiente, Luiz Eduardo Cheida, ao preocupar-se com a formação de mão-de-obra especializada, “a Ocepar demonstra o respeito que tem para com a natureza, e que o conhecimento da legislação é fundamental para que possamos preservá-la”.

A escolha do IMEC para ser o parceiro do sistema nesse projeto tem uma razão estratégica. A maior parte dos pro-

fessores que coordenam e ministram o curso tem uma proximidade muito intensa não somente com a discussão do meio ambiente propriamente dito, mas mantém uma relação com o poder público no que diz respeito às normas

ambientais em vigor. “Pode-se dizer que eles ajudaram a construir a lei ambiental do Paraná”, coloca Boesche, destacando que com o apoio desses profissionais as cooperativas podem passar a discutir com mais propriedade os temas relacionados ao meio ambiente, que tem um reflexo direto tanto na atividade industrial como no cotidiano do produtor rural, no caso do uso e destinação final de embalagens de agrotóxicos, por exemplo. ■

“
Para questionar e
propor alterações
na lei, é preciso ter
conceitos teóricos
”

Poupança rural



A poupança rural, que começou a ser captada em setembro pelos bancos cooperativos Sicredi e Sicoob, já poderia ser uma história antiga e de sucesso se a economia brasileira não tivesse sofrido os abalos dos planos econômicos. A foto desta página retrata o momento do lançamento da Poupança Verde na Ocepar, em março de 1988. Dejandir Dalpasquale, então presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), veio a Curitiba para fazer o lançamento da caderneta. Ao seu

lado direito está Adair Mazotti, então secretário da Secretaria Nacional do Cooperativismo. E ao lado esquerdo Wilson Thiesen, então presidente da Ocepar, e Scylla Cezar Peixoto Filho, da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura no Paraná.

Matéria publicada no Paraná Cooperativo de março daquele ano informava que a Poupança Verde seria operacionalizada pelo BNCC, através das 140 cooperativas de crédito rural existentes na época. Dos recursos captados, 60% seriam aplicados, obrigatoriamente, em crédito rural. O que é que não deu cer-

to? O BNCC era estatal e foi liquidado com a implantação do Plano Collor (1990), deixando as cooperativas de crédito em grandes dificuldades pois, além de terem os recursos dos associados bloqueados, elas perderam a conta compensação do BNCC. Com isso, também a Poupança Verde desapareceu. Até março de 1988 o Paraná havia captado Cz\$ 200 milhões. Quanto vale isso hoje?

Agora, 16 anos após a implantação da primeira poupança rural, de duração efêmera, temos de volta um instrumento de captação de recursos para crédito rural. ■



Fomentando a agropecuária e fortalecendo o cooperativismo em Marechal Cândido Rondon e região!

Parabéns a todos os cooperativistas que trabalham para a construção de um mundo melhor!



Copacol

41 anos



Prêmio OCEPAR de Jornalismo

**As cooperativas e o desenvolvimento
econômico e social do Paraná**

Inscrições: até 1º de novembro de 2004

Matérias publicadas ou veiculadas entre
1º de janeiro e 31 de outubro de 2004

Informações: (41) 352-2276 - imprensa@ocepar.org.br



www.ocepar.org.br